

BRUNO AGUIAR CARNEIRO SILVA

Quatro Lutas: A jornalista Ivonete Maia em perfil

FORTALEZA

2012

Bruno Aguiar Carneiro Silva

Quatro lutas:

A jornalista Ivonete Maia em perfil

Este livro-reportagem foi submetido ao Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará, habilitação em Jornalismo, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel, sob a orientação do Prof. Dr. Edgard Patrício.

Fortaleza
2012

Bruno Aguiar Carneiro Silva

Quatro Lutas: A jornalista Ivonete Maia em perfil

Este livro-reportagem foi submetido ao Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel.

A citação de qualquer trecho desta monografia é permitida desde que feita de acordo com as normas da ética científica.

Livro-reportagem apresentado à banca examinadora:

Prof. Dr. Edgard Patrício (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Ms. José Ronaldo Aguiar Salgado (Membro)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Ms. Raimundo Nonato de Lima (Membro)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Fortaleza
2012

À memória de Ivonete Maia

Agradecimentos

Este livro-reportagem não existiria se meu orientador, Edgard Patrício, não tivesse me sugerido conhecer esta personagem tão importante da História do Jornalismo Cearense que foi Maria Ivonete Moreira Maia. O contato com a história, com os feitos e as escolhas de Ivonete certamente me engrandeceram como profissional, e espero que parte das ideias aqui publicadas também inspire gerações que futuramente terão acesso a este livro. Portanto, agradecer à própria memória de Ivonete é o mínimo que devo, pela enorme contribuição que me foi dada na fase final da graduação.

No início dessa caminhada, a professora Adísia Sá foi a primeira fonte e ponto de partida de todo o trabalho. Sua proximidade com diversos aspectos da vida pública e particular de Ivonete me permitiu chegar a vários pontos da história da protagonista. A partir de Adísia pude contatar a família de Ivonete, nas pessoas das irmãs Socorrinha e Ana Maria Maia, duas mulheres de profunda doçura, simplicidade e hospitalidade que me receberam em Jaguaruana, terra natal da família Maia, e me ajudaram a construir os alicerces desse livro-reportagem. Agradeço à amiga de Ivonete em Jaguaruana, Francisca Lígia de Paula Santiago, pelo emocionado depoimento e ricas histórias que comigo compartilhou já nos primeiros contatos.

Seguindo o curso da história de Ivonete, agradeço também ao radialista Narcélio Limaverde, pela paciência e diversas histórias e causos do jornalismo local que presenciou e me reproduziu, permitindo-me retratar alguns dos ambientes do radiojornalismo do início da carreira de Ivonete. Na vida jornalística da protagonista, agradeço aos fieis companheiros do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado do Ceará (Sindjorce) e da Associação Cearense de Imprensa (ACI), Wilame Moura e Izabel Pinheiro, a quem Ivonete guardava carinho especial e depositava confiança, conforme poderemos ver em diversas fases da reportagem que virá. Por Moura fui recebido na sala da presidência da ACI, tendo acesso a grandes histórias do jornalismo e da produção jornalística local, além da evolução das máquinas e da profissão. Enquanto Izabel me recebeu na aconchegante varanda do apartamento onde mora, com doces e histórias igualmente doces. Agradeço também à jornalista Inês Aparecida e ao jornalista Ítalo Gurgel pela sensibilidade e memórias compartilhadas durante meus primeiros passos nesta pesquisa.

Na ACI, também devo agradecer primeiramente à Presidente em exercício no período em que esse livro foi produzido, Emília Augusta Bedê, pela paciência e compreensão nos desencontros iniciais que tivemos quando tentei marcar as entrevistas pela primeira vez. Também preciso registrar sua imensa disponibilidade para me ajudar a encontrar e entrevistar a jornalista e escritora Angela Barros Leal, o jornalista Nilton Almeida e Ana Maria Maia, cujo telefone eu havia anotado errado, na casa da professora Adísia Sá. A Angela devo o sincero agradecimento pela prontidão em se oferecer para me ajudar na revisão das informações e pela criteriosa ajuda em todo esse livro. Também por intermédio de Emília entrevistei o Vice-presidente de Ivonete na ACI, Nilton Almeida, sempre solícito, atencioso e preciso nas informações compartilhadas.

Do mergulho nas páginas amareladas dos jornais da Biblioteca Estadual Governador Menezes Pimentel parti para o acervo de Ivonete no Instituto Queiroz Jereissati, onde fui recebido com enorme atenção pela bibliotecária Nanda, pela professora de História Valda e pela recepcionista Rejane. Nessas fontes pude colher alguns fragmentos da carreira jornalística e política classista de Ivonete, imprescindíveis.

Na Rádio Universitária FM, agradeço ao meu professor e diretor executivo da Rádio, Nonato Lima, pela paciência ao me receber, pelas histórias reveladas e pela intenção desde o primeiro instante de me dar acesso à entrevista de Ivonete concedida à emissora no programa Rádio Debate. Agradeço ao técnico de som Assis Lima pela riqueza de detalhes de suas lembranças que me permitiram reconstruir parte do contexto histórico da fundação da Rádio e a gestão de Ivonete. Meu obrigado ao professor Agostinho Gósson pelas experiências compartilhadas com detalhes, especificamente no Sindjorce e na Rádio, e pelo exemplo de profissional que sempre foi em sala de aula.

No Sindicato, agradeço à presidente Samira Castro por me dar acesso ao arquivo morto da entidade, onde pude ler e pesquisar as diversas atas de reunião, referentes aos anos 1980-1988, bem como o livro de assinaturas dos associados. Agradeço também a Morgana e Felipe, funcionários do Sindjorce, sempre dispostos a me ajudar quando precisei.

Não poderia deixar de agradecer à Beatriz Jucá Pinheiro, minha eterna amiga, que me emprestou seu talento fotográfico na viagem à Jaguaruana e seu talento jornalístico na revisão e diversas críticas ao material que produzi.

Enquanto sofri para escrever estas páginas, minha namorada, Rayra Costa da Silva, aguentou pacientemente meu estresse e desespero para cumprir os prazos determinados. Incentivou-me a cumpri-los e me trouxe sempre a tranquilidade que precisei para concluir esta obra. Não poderia deixar de agradecê-la pela compreensão e pelo apoio e pelo belo futuro que temos pela frente.

*“Os jornais, hoje, perdem uma grande chance de se tornarem, cada vez mais, influentes no meio social, por conta dessa limitação de, simplesmente noticiar, ser factual e estamos conversados, enquanto há tanta coisa aí que precisa ser desdobrada, que precisa ser aprofundada, pesquisada, para mexer, para **incomodar**. Isso, para mim, é o papel do jornalista e do jornalismo”.*

Ivonete Maia

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1 - Vista aérea da Volta. Vê-se, à direita, a casa que Ivonete mandou construir e, à esquerda, cercada de árvores, a casa onde a família Maia se criou. Arquivo pessoal. | 22 |
| Figura 2 - Igreja de Nossa Senhora de Sant'Anna. Foto: Beatriz Jucá | 30 |
| Figura 3 - Igreja de Nossa Senhora de Sant'Anna. Foto: Beatriz Jucá | 30 |
| Figura 4 - Ivonete Maia em publicação do Diário do Nordeste, 1992. Arquivo Pessoal..... | 36 |
| Figura 5 - Lançamento do livro "Biografia de um Sindicato" 1981 - Arquivo Pessoal..... | 54 |
| Figura 6 – Recorte de jornal - Arquivo Pessoal | 58 |
| Figura 7 - Entrega do Prêmio Anual de Jornalismo (2008)..... | 62 |
| Figura 8 - Auditório recuperado e climatizado..... | 65 |
| Figura 9 - Hemeroteca recuperada e reaberta ao público..... | 66 |
| Figura 10 - Reunião da diretoria (2008) | 67 |
| Figura 11 - Ata de reunião do Sindjorce redigida por Ivonete | 69 |

Sumário

| | |
|---------------------------------|----|
| 1. Introdução | 11 |
| 2. O caminho de casa | 13 |
| 3. A crônica vida jornalística | 31 |
| 4. Negociar, ouvir e lutar | 41 |
| 5. Projetos e reparos | 56 |
| 6. Anexos | 72 |
| 7. Entrevistados | 75 |
| 8. Cronologia de acontecimentos | 76 |
| 9. Bibliografia | 77 |

1. Introdução

Este livro não tem a pretensão biográfica de retratar cada detalhe e cada momento da vida da jornalista Ivonete Maia. Ancorados no conceito de livro-reportagem-perfil, definido por Edvaldo Lima em sua obra *Páginas Ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*, buscamos aqui recuperar à memória do leitor momentos importantes do jornalismo cearense protagonizados por Ivonete nos mais diferentes cargos que ocupou na profissão. Os legados deixados na Associação Cearense de Imprensa (ACI), no Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado do Ceará (Sindjorce), na Rádio Universitária FM e na Universidade Federal do Ceará (UFC), como Presidente, professora e ouvidora, são algumas das nuances registradas nos perfis que preenchem essas páginas. Porém, para entendermos os motivos e o pensamento que conduziram Ivonete a se lançar de corpo e alma nas lutas classistas e na profissão de jornalista, é necessário antes mergulhar um pouco em sua história. Nas páginas iniciais deste livro, o leitor encontrará o caminho feito por Ivonete de Jaguaruana, no interior do Ceará, até a capital, Fortaleza, onde encontrou as condições necessárias para interferir politicamente, seja como cidadã, seja profissionalmente.

A aproximação do jornalismo e o aprendizado com grandes jornalistas da década de 1960 levaram-na a enxergar a profissão como extensão de sua vida, como contou na entrevista publicada por Sebastião Rogério Ponte no livro *História e Memória do Jornalismo Cearense* (2004). Outro fato a ser destacado são exatamente as citações de Ivonete Maia presentes nesta obra. Por este trabalho ter-se iniciado após o falecimento da jornalista, todas as aspas e citações que encontraremos adiante foram retiradas de entrevistas concedidas por ela ao jornal *O Povo* (publicada no dia 13 de fevereiro de 2012); ao já citado livro de Sebastião Rogério Ponte; ao livro *Associação Cearense de Imprensa: 85 anos na pauta do Ceará*, de Angela Barros Leal; à *Rádio Universitária FM*, no programa *Rádio Debate* (exibido no dia 4 de dezembro de 2009 e reprisado no dia 17 de fevereiro de 2012). Para evitar quebras na narrativa e no ritmo da leitura, as referências diretas a cada uma dessas fontes foram retiradas do texto.

O livro se divide em quatro perfis. O primeiro, “Caminho de casa”, trata da vida de Ivonete em sua cidade natal e suas constantes idas e vindas de Fortaleza para Jaguaruana. O segundo, “A crônica vida jornalística”, aborda a vida profissional e as

realizações da carreira no jornalismo, em rádio e veículos impressos, e no magistério. Os dois últimos perfis são dedicados ao envolvimento classista de Ivonete. “Negociar, ouvir e lutar” refere-se ao período em que liderou o Sindjorce, de 1980 a 1986. “Projetos e reparos” reconstrói os períodos de presidência na ACI. Entre erros, acertos, conquistas e frustrações, Ivonete construiu uma história a se conhecer, a se estudar e a se aprender. São quatro lutas emblemáticas de uma mulher forte, vinda do sertão para conquistar Fortaleza.

2. O caminho de casa

À frente, a uma distância de 200 metros, o rio Jaguaribe corre tranquilo. O divertido banho de rio é uma das boas opções da Volta para quem vem de Fortaleza esgotado, à procura de sossego e de recarregar as energias. Volta é o nome do sítio da família Maia, situado na zona rural de Jaguaruana, a sete quilômetros da cidade, porque é por ali que o rio Jaguaribe faz a volta no seu percurso rumo à foz, na divisa entre os municípios de Aracati e Fortim. A casa que serviu de moradia aos Maia foi erguida pelo patriarca Francisco Carlos Maia, há mais de 70 anos, e ainda hoje está de pé, guardando a história e o amor de pelo querido torrão natal. Na rápida e carinhosa fala do sertanejo, seu Francisco era mais conhecido por “seu Fransquinho”. Resistindo ao tempo, ao sol e a chuva do baixo Jaguaribe, a autossuficiência do sítio, fruto do trabalho diário do seu Fransquinho, sustentou os Maias por muitas décadas.

Dentro das terras da família vigorava desde o início pequenas plantações de frutas, legumes e verduras. Os tomates-cereja reluziam em seu vermelho a força do sol, por vezes implacável, que acompanhava os Maias durante muitas secas. Além das plantações, patos, galinhas, vacas e bezerros compunham a sinfonia da fazenda. Todos os dias, seu Fransquinho se levantava bem cedo para ordenhar suas vacas, trabalho delicado, preciso e perfeito, que a filha jornalista, Ivonete, descreveu em um artigo: “Vacas manhosas que conheciam aquelas mãos ao ponto de reagir a outras mãos”. Tudo que os alimentava, seu Fransquinho e esposa, dona Estelita, tiravam da terra. “Se hoje (2009) nós somos pessoas muito saudáveis foi da alimentação na infância. Hoje é muito mais prático, mas é muito menos saudável”, disse Ivonete. “Ele trazia o leite mugido na nossa janela”, lembra Ana Maria Maia, um dos 15 irmãos de Ivonete. Em frente à casa, a estrada que interliga a zona rural à zona urbana e à capital.

No dia 4 de outubro de 1938, dia de S. Francisco de Canindé, como gostava de lembrar, nasce em Jaguaruana Maria Ivonete Moreira Maia, primeira filha do casal e primeira neta dos avós paternos e maternos. Sua mãe, dona Estelita, tinha 16 anos e nove meses de idade. Dona Estelita conheceu seu Fransquinho em uma viagem que fez a Jaguaruana. Como de costume, na época, os patriarcas começaram a articular o casamento dos filhos, mas a mãe da moça, dona Ana, não queria esse destino tão cedo para única filha mulher. “Minha filha vai voltar para Fortaleza e vai estudar”, dizia. “Vovó, só ela, tinha a opinião de que mamãe não devia casar, e sim vir pra cá

[Fortaleza]”, lembrava Ivonete. Apesar da determinação, dona Ana acabou sendo voto vencido. Estelita e Fransquinho casaram-se no dia 6 de janeiro de 1938. Viveram em Jaguaruana até 1942, ano em que a família mudou-se para o sítio que o avô paterno de Ivonete havia adquirido para que o genro ali pudesse trabalhar e criar seus filhos. Lá, Ivonete iniciou seus estudos. Foi alfabetizada pela mãe e, conforme exigências da avó Ana, passou a frequentar a escola rural. Mas faltava algo mais.

“Em 1948 eu já estava no ponto de vir pra cidade. Quando fui me despedir do meu professor ele disse: ‘Menina inteligente, vai ser jornalista’. Impressionante, né?”, diz Ivonete. De 1948 a 1950, Ivonete e a irmã Ionete estudaram em Jaguaruana, no Grupo Escolar Manuel Sátiro, partindo depois para as primeiras temporadas longe do sítio. Por mais que partisse, na companhia da avó ou da irmã, Ivonete sempre retornava para casa. As despedidas de Jaguaruana sempre foram um “até breve”.

“De fato, ela [a avó] teve papel importante na vida da Ivonete. Desde cedo empenhou-se na educação dela, entrando, às vezes, em conflito com nosso pai que dizia não ter condições de manter filhos em colégio. Não tinha. Mas nossa avó não desistiu do seu propósito. Depois de acompanhá-la em Jaguaruana, era a vez da mudança para o Aracati”, explica Ana Maria, a décima segunda filha de seu Fransquinho e dona Estelita. O pai relutou, mas Aracati era bem próximo, Ivonete viria todos os finais de semana sem dificuldade. Não havia com o que se preocupar.

Então seu Fransquinho acabou concordando com a sogra. Depois de providenciarem o enxoval e o material escolar, Ivonete seguiu para Aracati. “Minha mãe, meu pai fizeram um esforço. Minha avó, que foi a grande timoneira, disse pro meu pai: ‘Ela vai estudar’”, explica Ivonete. “Estudar pra quê? Pra aprender a fazer carta para namorado?”, questionava o pai. Apesar desse início arisco, seu Fransquinho foi se acostumando com a ideia de ver os filhos sendo encaminhados para o estudo, desviando-se da perspectiva natural de uma vida no campo. Quanto à profissão escolhida por Ivonete, “não havia nenhuma restrição, ao contrário, quando saía alguma coisa no jornal comigo, eu mandava e ficavam muito felizes, nunca houve nenhuma objeção”, dizia Ivonete.

Em Aracati Ivonete fez o teste de seleção para um colégio interno. “Feito o exame de admissão do Colégio São José, e aprovada em 4º lugar (em 1º lugar ficou a sobrinha da madre superiora; em 2º ficou a filha do engenheiro que acompanhou a construção do colégio; em 3º ficou a filha do médico que prestava assistência às freiras), ali estudou até os 16 anos”, diz Ana. “Muita gente condena o internato porque acha que

isola as meninas, porque é um lugar que não forma a jovem. Ora, não forma quem não quer se formar”, dizia Ivonete. Mas a rotina era puxada. Eram diversas as obrigações além-estudo no cotidiano das internas que deveriam ser cumpridas. “Aprendi até a arrumar uma mala! Como aprendi a respeitar as pessoas, a acordar pra ir pra missa - nem que fosse à força -, a inventar que estava com dor de cabeça, pra não ir à missa... Tomar remédio sem estar com dor de cabeça é fogo! Fora as outras doenças inventadas... Também tive maior gosto pela leitura. Aprendi um pouco de francês, latim, tudo isso servindo pra minha vida profissional mais tarde”, disse.

Nos finais de semana, Ivonete voltava para o sítio dos pais. Por lá encontrava as comadres e compadres dos pais carregados de cordeis. As redondilhas propiciaram os primeiros ensaios e apresentações de Ivonete com a interpretação que a levaria, anos mais tarde, ao trabalho como locutora na *Rádio Assunção*. Ivonete sentava-se no banquinho no centro da sala para ler os textos de cordel para o restante da família e amigos, que não sabiam ler. “Eles queriam que eu ficasse ali, sentada, e fosse ler os textos de cordel pra eles. (pausa) Esse é um dos fatos mais interessantes da minha vida. Eu lia alto, às vezes, dramatizando. Foi por aí que comecei a ser desinibida”, explica.

Outra companhia cativa nas férias de Ivonete era a coleção *Tesouro da Juventude*. “Pegava dois volumes da biblioteca do colégio, trazia para as férias, era uma beleza! Então, essa roda de leitura foi interessante para que eu me desinibisse, ficasse uma pessoa meio enxerida! (risos)”, disse.

No colégio, Ivonete era aluna aplicada, principalmente nas atividades culturais (e esportivas). “Aprendi a bordar, a jogar voleibol (era do time), a cantar no coro (era do coro da Igreja), a ser uma pessoa responsável”, disse. Por não pagar o colégio integral, trabalhava durante 15 dias das suas férias, ajudando na secretaria. “A freira-secretária me perguntou: ‘Você pode dar 15 dias das suas férias pra me ajudar na secretaria? Tem uma coisa: você vai ter que imitar minha letra, pra fazer as atas de final de ano’... Ficar trabalhando nas férias pra compensar o semestre fez com que minha formação se completasse”, disse Ivonete.

Diante dos papéis, a jovem estudante apanhava as canetas-tinteiro com cuidado para não manchar nem tremer demais a mão durante o trabalho. A letra precisava estar impecável, pois seu trabalho de auxiliar exigia precisão cirúrgica para copiar a letra da freira. Apesar da pressão, Ivonete divertia-se com esse trabalho. A jovem estudante nem sonhava que o futuro lhe reservava a tarefa de lavrar com o mesmo cuidado e dedicação

as atas de tantas outras reuniões, debates e congressos que a vida classista de jornalista lhe ofereceria.

Em 1954, aos 16 anos, Ivonete estava mais uma vez na casa dos pais, na Volta. O desejo de continuar os estudos e de “ser gente” já era agora um objetivo próprio, não mais exclusividade de sua avó. No regresso para casa, o comunicado do desejo e a surpresa do pai.

- Ah! Você quer ir pra Fortaleza?

- Eu quero, quero estudar, respondeu Ivonete.

Pelos costumes da época, seu Fransquinho e dona Estelita poderiam muito bem ter impedido Ivonete de seguir seu caminho, mas o casal sabia que a filha estava determinada a conquistar espaços até então inalcançáveis. E a compreensão e o fato de acreditar na capacidade da filha lhes davam a certeza de que a empreitada de Ivonete rumo a Fortaleza seria vitoriosa. Não havia por que se desesperar.

Concluído o Curso Normal, em 1958, lá estava ela, mais uma vez de volta à terra natal. Por lá, Ivonete já queria trabalhar. Naquela época, assim como acontece em alguns bairros de Fortaleza na contemporaneidade, as escolas públicas eram ligadas à paróquia, ficando sob responsabilidade dos padres, párocos e entidades religiosas a educação das crianças. Ela seguiu rumo a Jaguaruana já pensando na nova oportunidade que teria para trabalhar junto de sua gente. Lá chegando procurou o então pároco padre Aloísio de Castro Filgueiras.

- Padre Aloísio, sou professora e queria que o senhor me arrumasse uma vaga no colégio da paróquia.

Resposta do padre Aloísio: “Volte pra Fortaleza, que o seu lugar é lá! Você vai encontrar melhores oportunidades. Busque que vai encontrar” declarou Ivonete.

Sem saber como reagir, Ivonete ouviu o conselho e retirou-se. “Ai, como fiquei frustrada... Queria tanto morar de novo perto da minha família...”, pensou a jovem, então com 20 anos. No caminho de volta, refletiu sobre o destino e os desafios que lhe esperariam na capital. Morar longe da família, sem conhecer muita gente além dos tios e tias... Iria precisar de um emprego. O medo rondava sua cabeça, mas não conseguia se fixar. “É claro que eu tinha medo. Mas tinha que enfrentar. E dizia pra minha avó: ‘Olhe, sou gente!’”, lembrou.

Ao chegar a Fortaleza, a 173,1 km de Jaguaruana¹, Ivonete hospedou-se na casa de tios e pôs-se a procurar emprego. Até que encontrou uma oportunidade “Como secretária do (Colégio) Nossa Senhora das Graças”, lembra. Mas esse único emprego não seria suficiente para manter-se e arranjar um lugar para tocar sua vida. “Sua maior preocupação era se firmar profissionalmente para ajudar nossos pais e ao mesmo tempo trazer seus irmãos para Fortaleza, para estudar e seguirem seus caminhos depois”, diz Ana. E deu certo. Em 1961, ela conseguiu emprego de caixa no Banco de Crédito Comercial, que se situava na Rua Floriano Peixoto, a três quarteirões da Associação Cearense de Imprensa.

Para preencher o restante do tempo e complementar a renda, Ivonete desliga-se da escola, onde trabalhava como secretária, e participa de teste para locutora da *Rádio Assunção*, no mesmo ano. Após a contratação, não se acanha em pedir uma oportunidade no jornal impresso *O Nordeste*, do mesmo grupo detentor da rádio: a Arquidiocese de Fortaleza.

“Eu saía do emprego no banco, almoçava ligeiro, chegava à *Rádio Assunção*, terminava lá meu expediente e ia pro *O Nordeste*”, lembra Ivonete. Com a verba garantida no final do mês, Ivonete parte à procura de um endereço para morar. “O que mais marcou foi o primeiro, na Rua Conselheiro Tristão, nº 41 (próximo ao Colégio Cearense). Marcou, porque até então ela morava de favor em casa de tios”, diz Ana.

Ao ingressar no mercado de trabalho a primeira providência foi alugar um imóvel para morar na companhia da avó Ana e das irmãs que já estavam em Fortaleza morando, assim como ela, em casas de parentes. “Depois, no tempo certo, vieram os demais”, analisa Ana.

Mesmo distante da terra natal, Ivonete não se afastava da família. Escrevia cartas para os pais e irmãos que ainda não tinham vindo para a capital e não deixava de compartilhar com eles suas conquistas e sucessos.

Estabelecida em Fortaleza e com empregos fixos, o próximo passo era aperfeiçoar-se para poder crescer profissionalmente. A vaga no jornal *O Nordeste* era de revisora. Ivonete logo percebeu que poderia desempenhar essa função com mais capricho se conseguisse uma graduação. “Aí, fui fazer o vestibular para Letras. Fiz bem três [vezes], pra poder passar (risos). Era português, latim, francês, italiano - escolhi

¹ Governo do Estado do Ceará. Disponível em: <http://www.ceara.gov.br/index.php/municipios-cearenses/796-municipios-com-a-letra-j#munic-pio-jaguaruana>. Acesso em: junho/2012.

Letras Neolatinas. Quando passei, arrumei a vida de tal forma que não tranquei, mas não deixei nenhum emprego”. Após decidir que profissão seguir, desligou-se do banco. Disse: “Agora, vou ser jornalista”.

Os planos não vieram na bagagem de Jaguaruana. As circunstâncias e os caminhos foram se criando para que o jornalismo invadisse a vida e a alma de Ivonete. A avidez pela leitura, principal lazer desde criança até a fase adulta, muito contribuiu para seu desenvolvimento na profissão que escolheu. “Ela era uma mulher erudita. Ela era uma moça muito lida”, lembra a amiga Adísia Sá. Entre os autores que se destacavam na estante de Ivonete, a amiga ressalta Machado de Assis, Clarice Lispector e diversos outros clássicos da literatura.

Como profissional da área de educação, Ivonete revelou em entrevista ao programa Rádio Debate, da *Rádio Universitária FM*, a preferência pelas propostas do sociólogo Darcy Ribeiro. “Ela possuía uma vasta biblioteca, fez doação de muitos livros, outros ela conservou. São obras de grandes autores”, diz Ana. Na Volta, ainda hoje, encontra-se o refúgio: duas estantes de metal bem organizadas e repletas de livros e revistas. além de outras quatro prateleiras igualmente completas.

Autores e poetas cearenses dividem espaço com sociólogos e poetas consagrados da literatura mundial. Ivonete armava uma rede em dos quartos do sítio e punha-se a ler. Do lado de fora da casa que mandou construir o ruído de gente é mínimo, apenas o vento e a poeira da estrada fazem-se presente. Vez ou outra ainda ouve-se os vizinhos conversarem algo. Na sua solidão intelectual, Ivonete mergulhava, distraía-se e se desconectava da vida corrida e sempre atarefada de Fortaleza. “Ela gostava muito de cozinhar também”, lembra Ana.

Em Fortaleza, à noite, quando voltava da redação, mesmo cansada Ivonete gostava de conversar com as irmãs e acompanhar a rotina da casa. “A liderança, por razões óbvias [*era a mais velha, mais experiente e sempre teve personalidade forte*], era dela. Mas tudo era compartilhado de forma que sempre houve harmonia e respeito entre todos. E assim conviveram até o dia em que cada um seguiu seu destino”, diz Ana Maria.

“*[Eu]* era autoritária, pra dar tudo certo. E sempre deu. Dividíamos as despesas, as tarefas de casa”, diz Ivonete. “Não era durona, mas exigia disciplina e organização”, argumenta Ana, diminuindo o autoritarismo. “Ela sempre unia as irmãs mulheres para tirarmos uma foto anualmente”, lembra Socorro Maia, a décima terceira filha de Fransquinho e Estelita. As primeiras irmãs que vieram morar com ela trabalhavam no

Centro. De saia longa, óculos grandes e blusa folgada, Ivonete seguia todos os dias para o trabalho. “Ela era muito despojada. Podia até dizer que ela estava todo dia com a mesma saia e a mesma blusa (risos)”, lembra Adísia.

“Eu tinha mesmo que trabalhar. Trabalhava de manhã em banco, de tarde ia para o jornal, à noite para a rádio e voltava para o jornal. Era aquela coisa, sei que era uma vida muito ocupada”, lembrava Ivonete. A rotina sempre atarefada não a impedia de lutar por seus objetivos, que por muitas vezes se expandiram para a coletividade. “A própria vida que ela levava: classista. Ela nunca foi mulher pra dizer assim: ‘Ivonete hoje tá pensando em passar uns dias fora... em Pirapora, Maranguape...’. Não. Ela sempre pensava: ‘Será que não vamos ter uma reunião? Não vai ter alguém de partido ou do Sindicato?’. A vida dela era sempre voltada para a classe, muito mais que eu, e eu fui pioneira na vida sindical do Ceará”, disse Adísia.

No início da década de 1960 Ivonete já era reconhecida como jornalista, mas ela sentia que o profissional de Comunicação Social não se formava apenas pelo batente cotidiano ou batendo o ponto nas empresas. A luta da ACI, que começara pouco antes do nascimento de Ivonete, em 1937, estava prestes a concretizar um sonho das entidades de classe: a implantação do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará.

Em 1966 a Universidade abriu as portas para os vestibulandos da primeira turma de Comunicação. Ivonete fez o vestibular e foi aprovada. Depois de iniciar o curso, veio o contato com professores, profissionais renomados no mercado jornalístico. Seu destaque como estudante e potencial para se tornar uma grande profissional ajudaram Ivonete a chegar onde queria dentro do jornalismo: o jornal *O Povo*.

A rotina continuava cansativa, apenas mudavam os ambientes que frequentava. Em casa, o apoio da família sempre fortalecia o compromisso da jornalista com sua profissão. “Além de fazer comentários sobre acontecimentos do cotidiano, ela fazia questão de trazer os textos publicados, entrevistas, etc”, diz Ana. Na intimidade da família, Ivonete compartilhava as conquistas da carreira que não divulgava nem celebrava na esfera profissional. “Ela não era vaidosa, não contava vantagem própria. Nunca ouvi a Ivonete se gabar ou dizer: “Ah, eu sou isso, sou aquilo... Fiz isso, fiz aquilo”, diz a amiga Angela Barros Leal.

As mensagens de apoio e demonstrações do orgulho dos pais, recebidas direto de Jaguaruana, confortavam-na. Com dois diplomas na mão (Letras Neolatinas e Comunicação Social), a desinibida moça do interior já havia cumprido a missão que a

avó lhe incumbiu. Já era gente. Mas o percurso da vida a levou para lugares onde até então pouquíssimas mulheres já haviam ido.

Em 1969, a jornalista recém-formada e com novo endereço, dessa vez na rua Rocha Lima, 156, sindicalizou-se. Junto com Ivonete, outros 79 jornalistas ingressaram no Sindicato no período entre 1969-1971, de acordo com o grande livro de assinaturas que o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado do Ceará preserva desde a fundação. Na pauta da Entidade: a questão salarial, a política do Governo do Estado para o jornalismo, e a regulamentação da profissão. Na Associação Cearense de Imprensa, Ivonete ingressou com suplente da diretoria também em 1969.

Mesmo ganhando cada dia mais obrigações em Fortaleza, ela não tirava Jaguaruana da cabeça. “Ela dividia seu tempo aqui e em Jaguaruana. Estava atenta aos acontecimentos em família, desde os pequenos aos mais sérios. Tudo passava por ela, que encontrava, sempre, a melhor solução para o problema”, diz Ana.

No jornal *O Povo*, Ivonete pode colocar em seus artigos o olhar vigilante sobre os problemas da educação no Ceará, assunto que sempre gostou de acompanhar e ao qual anos mais tarde daria contribuição em sua terra, ocupando o cargo de Secretária de Educação do Município. Críticas ácidas, reflexões, congratulações quando necessárias, mas nunca deixou de comentar um assunto que considerasse pertinente, ainda que sujeita a pressões externas. “No modo geral, a repercussão dos seus artigos era sempre boa. As críticas, quando ocorriam, não lhe atingiam”, diz Ana.

No dia 28 de maio de 1984, em vez dos habituais artigos sobre educação, lia-se no *O Povo* um louvor transbordando sentimentos em memória do pai, que havia falecido no dia 22 daquele mesmo mês.

Louvor ao meu pai

No domingo, 13 de maio, estive com meu pai em Jaguaruana. Ele estava feliz, de nada se queixava. As chuvas copiosas deixavam-no em estado de graça. Bonita estava a criação, viçosas as plantações, o verde tomava conta dos cercados, do quintal enorme, do terreiro.

Tudo o animava, nem podia ser diferente, meu Deus, com tanta seca que passara, a desafiar sua paciência e suas energias. A seca dava impertinência, as chuvas fecundaram seu espírito, como a terra que ele semeou e os animais de que ele cuidou, na marra, no grito, no afago.

Na hora de sempre, aos domingos, voltava para o seu canto. Acompanhei-o no dia 13 e nossa última conversa, na calçada, foi quase uma brincadeira. Estranhei o aspecto do animal

atrelado à charrete. Ele, bem depressa, disse: mas é uma égua. Só serve pra isso. Respondi, indagando: e se fosse um cavalo? Prometeu poupar a égua.

Com meu pai aprendi tanta coisa, e eu não sabia. Descubro isso agora, quando capto a dimensão da sua falta, a dimensão da sua ausência.

O coração do meu pai o matou no dia 22 de maio. Um enorme coração deixava de pulsar. Era um homem forte, tão cheio de energia quanto a terra que ele trabalhou e da qual viveu por quase 70 anos. Era um homem afável, comunicativo como poucos. Teve amigos e companheiros que o acompanharam no dia 22, sob chuva grande, e que revelavam nas palavras e nos gestos o espanto pelo acontecido da madrugada daquele dia.

Como sempre, ele acordava cedo. Com ele vi muitos dias nascendo. No curral sempre falava alto com suas vacas e bezerros, acordado a casa toda. Naquela madrugada, igualzinha a tantas outras, ele se preparou para a rotina, com a roupa, as botas e o chapéu de todo dia. Mas naquela madrugada o coração explodiria em pleno trabalho, um trabalho que ele sabia fazer com perfeição. Tirava leite de suas vacas, vacas manhosas que conheciam aquelas mãos ao ponto de reagir a outras mãos. Encontraram-no morto, ao amanhecer, com vacas e bezerros ao redor. Lambendo-o. Morreu no seu palco. Uma morte gloriosa.

Para ele, quem sabe, a morte desejada. Para nós que ficamos, seus muitos filhos, para minha mãe, a falta dele é enorme. Tudo dele nos falta agora: suas afobações, suas reclamações, seu entusiasmo, seu falar alto, sua fala mansa.

Meu pai percorria seus caminhos cotidianos sempre com a alegria de quem tem amigos e conhecidos nesses caminhos. Os que moram às margens desses caminhos sentem agora a falta do cavaleiro que jamais esquecia o cumprimento, a prosa rápida, a conversa ligeira.

Meu pai penou muitas secas e curtiu enchentes e saboreou invernos. Jamais deixou de enfrentar a natureza, com a energia que só o camponês encontra dentro de si. Ele nem sabia, mas eu quis tantas vezes estar com ele, como nos antigos tempos, ajudando-o e com ele aprendendo o seu ofício.

Hoje, há uma enorme saudade e uma só compensação: a memória do homem que ele foi. E são os momentos bons da vida dele com a gente que devem ser preservados. Por nós, seus muitos filhos, por minha mãe.

Morreu meu pai, que louvo agora. Viva meu pai no meu sentimento, sempre.

Ivonete Maia



Figura 1 - Vista aérea da Volta. Vê-se, à direita, a casa que Ivonete mandou construir e, à esquerda, cercada de árvores, a casa onde a família Maia se criou. Arquivo pessoal.

Por mais que vivesse em Fortaleza, a vontade de Ivonete era retornar a Jaguaruana. Sair de casa aos 12 anos apertava-lhe o peito em cada caminhada para Fortaleza. O trabalho na capital virou sua válvula de escape. Em rápido pingue-pongue concedido em 1971 à coluna “Curtição”, do jornal *O Estado*, e disponível para consulta em um de seus álbuns de recortes hoje tutelados pelo Instituto Queiroz Jereissati, ela deixa bem claro quais eram suas impressões.

- Ivonete, qual o seu lugar ideal para viver?

- Eu, pra ser sincera, gostaria de retornar aos meus pagos, observar meu pai tratando dos seus animais, atravessar a nado de cachorro nosso pedaço de rio, para comer melão na vazante. Uma liberdade total. E um saudosismo total. A cada dia me convenço de que é muito melhor ver os bois ruminando do que gente se devorando. A cidade grande seria apenas um lugar de passagem.

No rápido perfil da entrevistada, lê-se que “sua virtude predileta é tentar (e tem conseguido) evitar qualquer relacionamento com pessoas desleais e falsas”. A ética, seja

na profissão, seja nos embates classistas, foi atributo destacável na sua carreira jornalística. Isso sem nos esquecermos de destacar a franqueza, já exemplificada.

“Quando era um assunto que envolvia a categoria, aí ela falava duro. Ela era uma mulher dócil. Você vai conhecer a dra. Ana [*Maria Maia, irmã de Ivonete*]. Vai ver que quando ela conversar com você já vai falar rindo. São pessoas amáveis. Agora, quando ela endurecia - sai de perto! Ela era uma mulher educada, quase que meiga, mas não era mulher de chamego. Ela não era dessas frescuras”, diz Adísia. “Como dizia Che Guevara, ‘Há que *endurecer-se*, mas sem jamais perder a ternura’ (risos). Ela não deixava de ser dócil. Quando achava que magoava alguém, ela sapateava para se desculpar, porque aquilo era do calor da luta... Não queria que ninguém guardasse rancor dela”, conclui.

Ivonete conseguiu transformar esse “lugar de passagem” com sua intervenção. “Embora amasse seu pedaço de chão, em Jaguaruana, as raízes da Ivonete em Fortaleza eram fortes. Sua atuação profissional, na imprensa e na Universidade, sua militância sindical, os amigos, o time pelo qual torcia (Fortaleza Esporte Clube), ou seja, parte da sua vida, parte da sua trajetória, parte da sua história se deram nesta cidade, em larga medida aberta aos que para ela migraram em busca de oportunidades, como foi o caso da Ivonete”, diz o colega e amigo Nilton Almeida.

“As raízes familiares estavam lá, mas as lutas culturais, políticas estavam aqui”, lembra Adísia. “As preocupações de Ivonete em relação a Fortaleza eram marcadas pela angústia de quem ama a cidade e quer vê-la melhorar. Nesse sentido, até compôs a primeira equipe da prefeita eleita Maria Luíza Fontenele, como Secretária de Imprensa e Relações Públicas”, completa Nilton.

Com a aposentadoria (da Universidade) em 1990, Ivonete encontrou a tranquilidade que sonhava, voltando a morar em Jaguaruana. De fato, dividia seu tempo entre Fortaleza e a terra natal, já que, até 1991, foi diretora da *Rádio Universitária FM* e precisava estar presente na capital. Na cidade do interior, resolveu aproveitar a vida do jeito que mais gostava: politicamente. “Ivonete engajou-se com facilidade na vida interiorana, dividindo seu tempo entre a família e assuntos de interesse da comunidade”, diz Ana.

“Fui de associação de moradores, fui presidente da minha zona rural [*no sítio Volta*], tínhamos uma creche, posto de saúde...”, lembrava Ivonete em entrevista concedida a *Rádio Universitária FM*. “Ela se aposentou há muitos anos, mas estava sempre no trabalho e encontrando lutas novas”, lembra a companheira de lutas classistas

Izabel Pinheiro. “A primeira coisa da vida dela era Jaguaruana. Ela vivia e morava lá. Ela morou um tempo lá. A família dela é muito unida”, lembra a amiga Emília Augusta Bedê. “Minha mãe dizia: ‘Até a poeira da estrada, pra Ivonete, é melhor. É uma poeira que não faz nem mal pra garganta’ (risos)”, lembrava Ivonete.

Na brisa quente e empoeirada da estrada de terra, Ivonete conectou-se novamente com seu passado interiorano. Ali, sua vida pulsava muito mais forte. “Ivonete era louca pela fazenda, pelo interior. Ela mudava. Ela era outra mulher quando chegava a Jaguaruana. Aqui era uma pessoa cansada, pesada, sempre com muitos problemas”, lembra Adísia. A vasta biblioteca, os recortes de seus artigos em seus álbuns, fotografias, a horta, os animais do sítio. Distrações, tarefas e planos não faltavam nem paravam de surgir em seu local de refúgio.

“A primeira coisa que fazia lá era tirar chinelo, sapato, ia mexer nos livros dela. Ia pra fazenda, que ela tinha uma bela casa... olhar o gado, cabras... tomar banho de rio...”, diz Adísia. O retorno para sua terra e a proximidade com os problemas que afetavam seus semelhantes reacenderam sua veia política e Ivonete sentiu necessidade de lutar por Jaguaruana na política partidária. “Ela falava com muito carinho das coisas do sítio e da casa da cidade. Ela conhecia todo mundo e todo mundo a conhecia, falava com muito carinho da Igreja”, diz Izabel.

Mesmo conhecida por todos, não se elegeu vereadora, nas duas oportunidades em que disputou. “Lamentei demais. Por que eu perdi? Porque não comprei voto”, desabafou Ivonete. “Me candidatei para a Câmara², foi um sonho que tive e não realizei. Não quero mais. Tinha sido Secretária de Educação do Município na época da implantação do Fundef, hoje Fundeb (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica). Fui bem-sucedida nessa implantação e por ter uma relação muito boa com professores, alunos e pais, tinha pretensão de ser eleita só na área de educação”, disse.

“Ela pouco falava disso com a gente. Eu não sei se alguém a aconselhou... Pelo amor que ela tinha pela cidade eu pensei que ia ser candidata a Prefeita. Ela sendo Prefeita, para nós seria horrível, né?”, diz o amigo de lutas classistas Wilame Moura. “Foi muita pressão tão grande que ela não se entregou a campanha, não ganhou a

² Candidata pelo PDT em 2008, recebeu 396 votos e não foi eleita. Disponível em <http://apps.tre-ce.jus.br/tre/eleicoes/ele2008/resultados/HTML/votacao-JAGUARUANA.html>, acessado 14 de setembro de 2012.

eleição. Achei que não era a praia dela. Ela sabia que não era a praia dela, mas tinha que dar quórum ao partido...”, lamentou Adísia.

“O partido [PDT] tinha poucos candidatos, sem coligação, então era muito alto o coeficiente eleitoral”, explicou Ivonete na *Rádio Universitária FM*. A derrota nas urnas doeu, mas foi superada. “Hoje (2009), eu me encontro na minha cidade com professores e ouço: ‘Que pena que você não está ali pra nos defender...’. ‘Pois era isso que eu queria, mas vocês não quiseram...’”, disse.

Em 2007 a ACI novamente clamou por seu retorno. A fraude ocorrida no tradicional Prêmio Anual de Jornalismo³ abalou a imagem da Associação, que precisava ser recuperada. Assim como a imagem, o Edifício Perboyre e Silva começava a demonstrar o cansaço adquirido com as marcas do tempo. Segundo Wilame Moura, Ivonete foi procurada pelo Conselho Superior da ACI para liderar uma nova chapa e fez suas exigências: “Eu aceito o cargo, mas eu vou indicar as outras duas pessoas que vão me acompanhar”, disse. “Quem eram as pessoas? Eu e a Izabel. Aí houve a eleição (risos)”, diz Moura.

Fortaleza teimava em voltar à vida de Ivonete, que buscou o quanto pode o bem-estar coletivo da categoria à qual pertencia, apoiando e incentivando autores a publicar livros com a história de sua classe (dois sobre a ACI e um sobre o Sindicato), e o prazer de exercer sua vida política. “A minha sorte é que sempre tive bons sucessores”, dizia.

As lutas por Jaguaruana

“Ela fez muito por Jaguaruana. Como é que se candidata a vereadora e não é eleita?”, questiona Wilame Moura.

Um dos cartões postais de Jaguaruana, terra das redes de dormir, é a Praça da Sé, onde está a principal Igreja da cidade, a Igreja-Matriz de Nossa Senhora de Sant’Ana. Em 2003, o padre Raimundo de Sales Façanha, ou Padre Ducéu, como era conhecido, já reclamava da estrutura física da Igreja. Em junho daquele ano, Ivonete juntou-se a alguns moradores da cidade para organizar um projeto de reforma.

“Eu vinha do mercado, ela estava no portão conversando com uma amiga e me disse: ‘Lígia, nós estamos conversando sobre a Igreja. Ela precisa de uma reforma’”, diz Francisca Lígia de Paula Santiago, moradora de Jaguaruana e amiga de Ivonete. “Mas

³ Prêmio Anual de Jornalismo da ACI de 2007 foi considerado fraudado e repercutiu negativamente em toda a imprensa e meio jornalístico. Uma das notícias disponível em:

<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=479147>. Acessado 14 de setembro de 2012.

como é que a gente vai fazer?’, eu perguntei a ela. Aí ela disse que conhecia um arquiteto e ia em Fortaleza buscá-lo”.

O arquiteto era filho de um amigo das duas e tinha uma história de trabalho desenvolvido no colégio Cônego Agostinho, o mesmo onde Ivonete procurou emprego voltando da capital, ainda no início dos estudos. Tão logo o arquiteto chegou a Jaguaruana, ele pôs-se a trabalhar com a equipe, auxiliando com os valores e informando as carências da Igreja.

O projeto, redigido por Ivonete, condensa em 18 laudas a defasagem estrutural da Igreja e os setores que precisavam de novos reparos. Necessidade de mudanças na estrutura física, nas instalações elétricas e hidro-sanitárias, instalação de uma nova iluminação e restauração das imagens dos santos. Algumas das peças da igreja datavam de 1901, e haviam recebido, com o passar dos tempos, um tratamento inadequado, que acabou por descaracterizar as peças originais. Por exemplo, algumas imagens sacras que possuíam detalhes em ouro acabaram cobertas por tinta. O relógio da torre principal estava parado há 20 anos.

O maior problema para iniciar o projeto foi óbvio: dinheiro. “Ela falava com muito carinho da Igreja. Deu uma contribuição muito grande pra reformar e recuperar a Igreja da Sé de Jaguaruana. Contribuição mesmo, do dinheiro dela. Ela deu. Não foi só buscar ajuda”, diz Izabel Pinheiro.

De julho de 2003 a junho de 2005, Ivonete e Lígia tocaram o projeto da reforma. Depois de concluído, as duas ainda seguiram até 2009 buscando recursos para pagar todas as dívidas. “No começo eram cinco ou oito pessoas no comando, fazendo parte da equipe. Aos poucos, elas foram saindo e por fim ficou só ela, o seu Antônio e eu. Praticamente éramos só nós duas, porque seu Antônio não tinha tempo.”, diz Lígia.

A verba inicial veio da Alemanha. A Ação Episcopal Adveniat⁴ é uma organização católica alemã que ajuda Igrejas menos favorecidas da América Latina e Caribe. Tomando conhecimento dessa possibilidade de doação no contato com o Bispo da Arquidiocese de Limoeiro do Norte, José Haring, a jornalista escreveu uma carta, em papel timbrado da Paróquia de Sant’Ana, pedindo donativos. A primeira doação veio na quantia de 10 mil euros, recibo que Ivonete deixou guardado e catalogado em suas pastas para eventual prestação de contas.

⁴ Livre tradução do alemão. Disponível em: <http://www.adveniat.de>. Acessado em junho/2012.

O dinheiro foi significativo para iniciar a obra, mas insuficiente para concluir. Era preciso pagar funcionários da reforma rigorosamente em dia. Era preciso comprar material de construção, equipamentos de segurança, lâmpadas para a nova iluminação e todos os outros materiais que precisavam ser substituídos. “Foi uma campanha muito árdua, muito espinhosa”, lembra Lígia. As fontes de receita para cobrir os gastos vinham da própria população, que colaborava com doações em dinheiro, colhidas diariamente por Lígia ou Ivonete; das doações da Adveniat, que contrariando o pensamento do Bispo José Haring, colaborou até mais de uma vez; e das economias de Ivonete.

“Eu sei que ela gastou uns 70 mil reais nessa Igreja”, diz Lígia. Nas pastas da contabilidade, onde Ivonete guardava os recibos de doações, encontramos: carnês (contribuições com valores fixos), urnas (contribuições com valores que cada um poderia doar), coletas (organizadas pela comissão organizadora), doações diretas e cotas extras. “As ‘cotas extras’ eram o que ela tirava do próprio bolso para cobrir as despesas”, diz Ana. As economias de uma jornalista não poderiam aguentar os constantes gastos.

- Lígia, eu tenho um negócio pra falar com você: nós estamos sem dinheiro, disse Ivonete.

- E agora, Ivonete? Vamos parar?

- Não, eu não quero parar. Eu queria que você aceitasse eu ir a Fortaleza pra falar com algumas pessoas pra nos emprestar o dinheiro.

O pensamento de Ivonete era de que se a reforma parasse, dificilmente seria retomada. O trabalho ficaria pela metade e a Igreja incompleta. “Erámos eu e o seu Antônio os titulares da conta [*bancária*]. Ela não queria ter nada a ver com a conta da reforma”, diz Lígia. “Ivonete chegou a pedir [*a amigos empresários de Fortaleza*] dois cheques, no valor de 20 mil reais cada, me pedindo que eu jamais dissesse pras irmãs dela”. Embora soubesse o respeito que as irmãs tinham por ela Ivonete não queria preocupá-las nem envolvê-las nessa luta.

Em 2002, Ivonete mudou-se para Jaguaruana para acompanhar a mãe, que sofrera um segundo acidente vascular cerebral que a deixou sem andar e falar. “A mamãe teve o AVC, e em 2002 a gente construiu a casa da cidade. Em 2002, ela veio pra cá e nós ficamos mais juntas”, diz Socorro Maia, irmã. “Ela (Ivonete) coordenava tudo: almoço, janta, pagamentos pessoais, tudo. Ela sempre liderou”, conclui. Por mais que discordassem, as irmãs não entravam em conflito. “Era mais fácil a gente calar que

brigar. Achar que ela tinha razão, às vezes não tinha (risos), mas a gente não gostava de entrar em briga não”, diz Socorrinha.

A mãe faleceu em 2007. No mesmo ano o reitor da UFC, Ícaro Moreira, convidou Ivonete para ocupar o cargo de Ouvidora da Universidade. Aceita a proposta, a jornalista passou novamente a dividir seus dias entre Jaguaruana e Fortaleza. No ano seguinte voltaria à presidência da ACI. Entre 2007 e 2009 ainda havia muito trabalho a fazer pela Igreja, como veremos adiante.

Os amigos empresários contribuíram financeiramente e a reforma da Sé prosseguiu. Além dos empresários, o povo de Jaguaruana aderiu firmemente à campanha. “Esse povo de Jaguaruana foi um povo muito bom”, dizia Ivonete a Lígia. “A população aderiu porque via que era uma pessoa séria tocando o projeto. Toda vida ela fazia a prestação de contas”, diz Ana.

Durante a campanha, as duas não pediram ao padre Ducéu que convocasse a população a participar. Sob a liderança de Ivonete, faziam esse trabalho por conta própria. Porém, já no fim das obras, renderam-se ao pedido uma única vez. Lígia foi até o vigário e disse-lhe:

- Oh, padre Ducéu, não negue isso não! Hoje é Corpus Christi, tem tanta gente na Igreja, fale da nossa situação. A calçada, por exemplo, nós não vamos trocar o piso porque não temos dinheiro.

A fala do Padre surtiu efeito e um amigo da jaguaruanense compareceu e pagou pelo piso.

Em julho de 2005 as obras da reforma foram enfim concluídas, com as imagens restauradas, a pintura da fachada renovada, o piso interno recuperado, a iluminação externa instalada. O relógio voltou a funcionar. A rua que passava na frente da Igreja extinguiu-se e virou uma extensão da praça, ampliando-a. Tudo novo, mas ainda faltava um detalhe: pagar o montante arrecadado com os empresários. Dois anos depois de concluída a reforma a dívida persistia. Num belo dia, Lígia tem a surpresa da chegada de Ivonete, vinda de Fortaleza. “Ela voltou tão feliz, como estava feliz...”, lembrou.

- Eu tenho uma novidade que você vai ficar mais alegre do que eu!

- O que foi?

- Aquele amigo dispensou aqueles 20 mil!

- Mentira!

- Está aqui o cheque!

“Os outros 20 mil eu não sei, mas eu acho que ela pagou. Não quero entrar nisso não, porque era particular dela. Eu perguntava e ela dizia: ‘Deixe comigo, não se preocupe’. Um dia ela chegou e disse que o problema do cheque estava resolvido”, diz Lígia.

Além do trabalho com a Igreja, o engajamento na política de Jaguaruana se deu também em no sítio. Nas redondezas da Volta, a agricultura familiar ainda era uma característica predominante. A comunidade organizou-se em uma associação de moradores e, a partir dela, Ivonete ajudou a construir uma creche e um posto de saúde para uso da população. Apesar de participar dessas decisões e implantações, os laços com a comunidade rural não foram tão fortes quanto os estabelecidos na zona urbana de Jaguaruana.

Por estar sempre correndo atrás e envolvida em causas coletivas, Ivonete deixava suas prioridades de lado. Os planos que fazia para o sítio acabavam ficando em segundo plano, assim como o cuidado com as questões da própria saúde. Segundo a família, os médicos estimavam que a lesão no esôfago completara dois anos em 2011, quando foi diagnosticada.



Figura 2 - Igreja de Nossa Senhora de Sant'Anna. Foto: Beatriz Jucá



Figura 3 - Igreja de Nossa Senhora de Sant'Anna. Foto: Beatriz Jucá

3. A crônica vida jornalística

O dia 25 de agosto de 1961 indicava ser mais uma sexta-feira de rotina no Congresso Nacional. Tudo corria tranquilo nas emissoras de rádio do Ceará. O profissional da radioescuta ouvia as emissoras de fora do estado e anotava atento as notícias do dia. Após isso, elas iriam para a mão dos locutores dos noticiários, que as repassariam à população. No telégrafo, outro profissional ficava ligado nas agências de notícias. Como não havia celular ou internet, as figuras desses profissionais ajudavam bastante o radiojornalismo a chegar primeiro à cobertura dos fatos.

Às 15h a rotina começou a mudar. Ivonete Maia havia começado a trabalhar no jornal da *Rádio Assunção* há pouco tempo. Logo depois de assumir os microfones como locutora conseguiu vaga na equipe de revisão do jornal *O Nordeste*. De manhã, a aspirante a jornalista trabalhava no Banco de Crédito Comercial. À tarde estava no jornal, à noite ia para a rádio e depois voltava ao jornal, encerrando seus dias de trabalho.

Às 15h do dia 25 de agosto de 1961 o então Presidente do Senado, Auro de Moura Andrade, recebeu do Ministro da Justiça, Oscar Pedroso Horta, a carta-renúncia do presidente da República, Jânio Quadros, e a leu no Congresso Nacional. A notícia ecoou nas rádios locais e mobilizou as redações de veículos impressos. Na redação de *O Nordeste* o trabalho varou até depois da meia-noite. Essa foi a primeira grande atividade jornalística da carreira.

Na *Rádio Assunção*, Ivonete foi escolhida locutora após participar de um teste no auditório do Colégio Cearense. “A Ivonete Maia foi uma das grandes profissionais que eu conheci, não só pela responsabilidade, pela assiduidade e pela maneira como trabalhava como também pela competência. Sempre achei que ela era uma grande locutora. Ela acabou deixando o rádio, e eu sempre disse a ela que fazia uma falta muito grande a ausência dela no rádio. Existem alguns tipos de profissionais no rádio que dignificam a profissão. A Ivonete era uma pessoa assim”, diz o jornalista Narcélio Limaverde, que trabalhou com Ivonete na *Rádio Assunção* em parte da década de 1960.

A saída de Ivonete do rádio se deu para que pudesse se concentrar no jornal impresso, o que a fascinava. Os primeiros passos no *O Nordeste* já previam o futuro da moça: uma página aos domingos dedicada à cobertura dos assuntos na área de educação. A página era opinativa, “meio ideologizada, querendo mudar o mundo (risos). Aliás,

ainda acho que o jornalista tem que ter esse compromisso de contribuir para melhorar o mundo. Ele tem que dar sua contribuição, ainda penso assim hoje (2004), por isso que tenho o olhar muito crítico para o jornalismo”, dizia. Para Ivonete, o factual seria apenas uma parte da produção jornalística, e o repórter não deveria se contentar com o básico da profissão.

“Jornalismo não é você estar afagando ninguém. É você estar incomodando, com coisas verdadeiras, claro, com assuntos que tenham a ver com a mudança do que está aí, do que deve ser mudado”, dizia. Por isso a importância de se acompanhar o jornalismo opinativo. “Tenho a impressão de que são perdidas muitas chances de você fazer com que um assunto, um problema, um tema, ou mesmo o louvor, sejam ampliados”, dizia.

A Arquidiocese de Fortaleza era detentora do jornal impresso *O Nordeste* e da *Rádio Assunção*. Os repórteres tinham autonomia, mas evitavam instintivamente, por respeito aos padrões, entrar em temas conflituosos com posições bastante claras assumidas pela Igreja. “O que queríamos era dar o nosso recado, dizer aquilo que pensávamos e, claro, nós sabíamos que o jornal era da Arquidiocese, era um jornal de circulação no estado todo, e tinha muitos assinantes nas dioceses. Tinha um público específico mesmo”, dizia Ivonete. “Nunca me chamaram pra dizer que o jornal era da Igreja, que não podíamos falar em assuntos tais ou tais”, conclui.

Na redação do *O Nordeste*, Ivonete era a única mulher. “Nunca sofri discriminação em lugar nenhum aonde cheguei”, dizia. Além do profissionalismo, Ivonete contou com o fato de não ter sido a voz pioneira nas redações. Em 1955 Adísia Sá já era noticiarista na Gazeta de Notícias, conforme disse em entrevista publicada no livro *História e Memória do Jornalismo Cearense*, de Sebastião Rogério Ponte.

Em toda a carreira jornalística, o perfeccionismo pode ser considerado uma marca de Ivonete Maia. Nos jornais por onde passou era comum encontrá-la junto das oficinas dos gráficos, acompanhando a impressão e verificando se havia deixado passar algum erro. “Tinha a exigência comigo mesma de, quando terminava tudo, descer e ficar lá, esperando, porque queria a minha página sem erros”, diz ao lembrar de sua página sobre educação no jornal *O Povo*.

E quando descia, via outra realidade que a comovia. O cinzento da fumaça dos cigarros misturada ao forte cheiro de café, o barulho constante de telefones e vozes que formavam o ambiente das redações de Fortaleza, pareciam o perfume de lírios no campo perto do ar, literalmente, de chumbo respirado pelos gráficos. O ar quente e os gases que saíam das caldeiras fundindo os tipos compunham o solvente da sujeira do ambiente

misturada ao pó do chumbo. Por horas, os profissionais das oficinas inalavam aquela solução.

“Eles bebiam porque o álcool tirava um pouco do mal-estar, aquela náusea que o chumbo causa”, lembrava Ivonete. “Eram pessoas muito sacrificadas, trabalhavam à noite, voltavam para trabalhar durante o dia. Pessoas que trabalhavam além das oito horas”, dizia Ivonete. A sensibilidade sincera com as causas de colegas de imprensa seria retribuída anos mais tarde com o apoio dos gráficos nas lutas classistas futuras que a jornalista liderou. “A força do jornal naquela época era oficina, não era redação. Porque eles (os gráficos) não podiam parar. Se eles parassem e dissessem: ‘Não vamos imprimir o jornal’, e aí?”, diz Wilame Moura.

O ano de 1965 foi de mudanças para a jovem aspirante a jornalista. Enquanto Ivonete colava grau e adquiria o título de Bacharel em Letras Neolatinas pela Faculdade Católica de Filosofia do Ceará (sem trancar nenhum período letivo e mantendo os empregos que tinha), o reitor Antonio Martins Filho anunciava para o ano seguinte a instalação do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará. Uma luta da Associação Cearense de Imprensa, que tinha essa missão expressa em seus estatutos desde 1949⁵. Ivonete não hesitou e foi em busca do diploma para se tornar jornalista. “O primeiro emprego que larguei foi o do banco”, disse.

Segundo o livro *Ensino de Jornalismo no Ceará*, de Adísia Sá, Ivonete teve a sétima melhor pontuação no vestibular para o curso de Jornalismo da UFC. Em três anos, ela e apenas mais quatro colegas concluíram os estudos e tiraram o título de bacharel no período determinado. A questão do diploma sempre esteve na pauta das lutas de Ivonete. “Ela sempre foi defensora da formação e do diploma de jornalismo”, conta Inês Aparecida, que anos mais tarde seria aluna de Ivonete e lutaria ao lado dela no Sindicato. “Quando chegava gente formada na redação tinha o deboche. Até no meu tempo ainda tinha os risinhos: ‘Olha aí... formada. Vem lá da faculdade’”, conta Inês.

Enquanto estudava, o jornalismo não parou na veia de Ivonete. Saindo do *O Nordeste*, ela foi para a *Gazeta de Notícias*, onde ia começar a fazer o jornalismo que sempre sonhou. “Os jornais perdem a grande chance de se tornarem, cada vez mais, influentes no meio social, por conta dessa limitação de, simplesmente, noticiar, ser factual e estamos conversados. Enquanto há tanta coisa aí que precisa ser desdobrada, que precisa ser aprofundada, pesquisada, para mexer, para incomodar. Esse é o papel do

⁵ Adísia Sá, *Ensino de Jornalismo no Ceará*, Fortaleza: Editora da UFC, 1979, pág. 10.

jornalista e do jornalismo”, dizia. Ali ela poderia ampliar o factual e levar mais informações ao público.

“[A *Gazeta de Notícias*] era um jornal onde você percebia que havia posições muito mais fortes em relação aos problemas da cidade. Lá convivi com Adísia Sá, Rogaciano Leite, Olavo Araújo, e outros mais profissionais que faziam da *Gazeta* a sua casa, o seu lugar de solidariedade, de polêmica”, lembrava. “Lá, fui para fazer matérias especiais, que eu quis fazer, entrevistando mulheres que conquistaram determinados patamares, que estavam nos seus lugares e não tinham reconhecimento”, lembrava Ivonete.

A pauta que lhe rendeu destaque nesta fase da carreira foi uma entrevista com a Desembargadora Auri Moura Costa, então Presidente da Casa de Detenção de Fortaleza, onde hoje funciona o Centro de Turismo de Fortaleza. “A Auri fez uma verdadeira revolução na direção da casa. Foi uma entrevista interessante, que teve muita repercussão”, disse Ivonete ao livro *História e Memória do Jornalismo*.

“Se o condenado é obrigado ao trabalho, e se por ele recebe remuneração ínfima, que a ele não corresponde, é óbvio que o trabalho é castigo e se integra ao esquema punitivo”, diz Auri no prólogo de seu livro *Mazelas da Casa de Detenção* (1968). Além da coragem para expor a situação vivida pelos presos na Casa de Detenção, Auri somou ao currículo o fato de ser a primeira mulher a assumir o cargo de desembargadora no Ceará e a terceira no Brasil⁶. Segundo publicou o jornal *Gazeta de Notícias*, número 11.856, de 10 de maio de 1968, “Foi ela [Auri] quem deu o grito contra as injustiças que vinham sendo praticadas na Casa de Detenção, denunciando ao público irregularidades ali praticadas”. Injustiças que Auri deixou registradas no livro citado.

No curso de Comunicação Social, Ivonete conheceu José Caminha Alencar Araripe, que a ajudaria a atingir seu sonho de profissional. “O jornal *O Povo* era meu objetivo. Lá cheguei, nunca tive vontade de ir para nenhum outro jornal, porque é minha vida de jornalista: 25 anos de jornal *O Povo*, só do jornal *O Povo*”, disse no livro *História e Memória do Jornalismo*. Lá, Ivonete era responsável pela área de Educação. “Fazia um pacotinho na página branca, diagramada por mim, titulada por mim, preenchida com minhas notícias e meu comentário, que eu tinha um comentário diário sobre educação”, explicou.

⁶ *Gazeta de Notícias*, nº 11.856, sexta-feira, 10 de maio de 1968.

“Ela era uma moça muito lida, tinha um texto impecável. Eu digo sempre: ‘Eu sou uma jornalista analfabeta’. Escrevo porque pego na máquina e no computador...”, conta a amiga, professora e colega de profissão Adísia Sá. “Eu não publicava nada sem Ivonete ler e revisar. Agora os meus erros todos estão saindo no jornal”, conclui Adísia.

O embrião de seus comentários no *O Nordeste* ganharia forma e vigor no jornal *O Povo*. Ivonete gostava de incitar a reflexão no seu leitor com as notícias do dia e concluía com um comentário. Era capaz de retomar o assunto quantas vezes a necessidade lhe gritasse, por mais que houvesse impertinências. Como publicou no dia 22 de maio de 1971, em sua coluna, “Comentar exaustivamente para atingir determinado setor. Tal insistência, quem sabe, poderá até chegar a uma consequência bem diversa: em vez de suscitar interesse pode causar indiferentismo”.

Ivonete também deixava transparecer sua principal bandeira: lutas de envolvimento coletivo. Mais que o interesse de um grupo, o interesse da sociedade pautava a jornalista. “Noventa por cento dos meus artigos são retirados do próprio jornal, de fatos noticiados pelo próprio jornal”, disse Ivonete no livro *História e Memória do Jornalismo Cearense*.

“Ivonete sempre foi objetiva. Argumentava e opinava livremente, não era de mandar recado”, diz a amiga e jornalista Izabel Pinheiro. O estilo autêntico e objetivo de opinar podia arrancar faíscas, mas se era necessário para a sociedade refletir e enxergar seus problemas, Ivonete não se furtava de o fazer. “Eu acho que ela incomodou [*muita gente*], mas ela incomodava de uma forma muito coerente, muito real, então não havia muito o que reclamar, porque ela dizia o que acontecia. A Ivonete escrevia muito bem. As críticas que ela fazia vinham com muito fundamento. Então ela desagradava, mas o que se podia fazer? Era aquilo mesmo, tinha que aceitar”, conta Izabel.

Algumas vezes Ivonete se viu obrigada a retomar um artigo para explicar o método jornalístico e aproveitar a reflexão da sociedade sobre sua contribuição. Sem arrogância ou comentários pernósticos, Ivonete tocava no assunto novamente. Numa terça-feira, dia 1º de junho de 1971, ela escreveu nas páginas de *O Povo* o artigo intitulado “O velho problema do ensino médio”⁷, que começava com as seguintes palavras: “Ninguém se iluda: o grande problema do ensino médio é o professor”. A

⁷ V. Apêndice – “O velho problema do ensino médio” – Jornal *O Povo* – 1º de junho de 1971. Pág. 70

provocação ardeu nas orelhas dos professores, que rapidamente reuniram-se em seu sindicato para avaliar o artigo e “rebater cáusticas injustiças”⁸.

A resposta veio logo na sexta-feira, 4 de junho de 1971, com uma nota do Sindicato dos Professores publicada no jornal. Um olhar superficial para tentar compreender a situação poderia visualizá-la como um desgaste e desnecessária troca de farpas, mas não foi isso que aconteceu. Ivonete sempre martelou que a função do jornalista não é “afagar” ninguém, mas sim incomodar com fatos. “A tese do meu artigo é a de que o professor ainda é o centro da escola”, escreveu. O primeiro artigo da jornalista tinha como foco expor a situação das escolas de um modo geral.

“O que pedi foi uma visão objetiva do problema. E isto o Sindicato fez, quando diz em sua nota que o magistério é uma ‘classe praticamente desamparada, vivendo de um salário de fome, via de regra sem condições materiais mínimas, lidando quase sempre com turmas heterogêneas e numerosas, sem o hábito de estudo e aplicação aos deveres, isto notadamente em vista da popularização e mesmo proletarização do curso médio, enfrentando alunos para os quais as motivações de rotina e o curriculum são fardos pesadíssimos, alunos que, na maioria dos casos, são mandados à escola para desafogo dos pais durante o período das aulas, pois aliás, sem a menor condição cultural e sem qualquer bagagem de conhecimentos. O exemplo, afinal, deve vir primeiramente dos pais”.

O papel do jornalista, provocador de reflexões e de interferência positiva na sociedade, foi cumprido. “O Sindicato, levado pelo meu trabalho, fez uma análise até então não trazida por ele ao grande público”, escreveu Ivonete. A exaltação a esse tipo de realização não ganhava o coro de Ivonete, simplesmente, porque este já é o dever natural do jornalista: contribuir para melhorar o mundo.



Figura 4 - Ivonete Maia em publicação do Diário do Nordeste, 1992. Arquivo Pessoal.

⁸ V. Apêndice – “A Reflexão Solicitada” – Jornal *O Povo* – 4 de junho de 1971. Pág. 71

Ao ingressar no jornal *O Povo*, Ivonete recebeu a missão de preencher uma página inteira do jornal com notícias e um artigo sobre a área de educação. Em uma dessas oportunidades, entrevistou o então diretor do Hospital Universitário da UFC, Walter de Moura Cantídio. A reportagem encantou o homem. “Eu sempre tive uma coisa com que eu nunca tive a menor modéstia: sempre caprichei muito nos meus textos. Ele ficou tão impressionado com a qualidade do meu texto que me chamou para assessoria de imprensa dele”, revelou.

Em 1971 ela assumia a vaga na assessoria da Reitoria e no fim do mandato do Reitor, em 1975, seria aprovada em concurso público para o cargo de professora do Curso de Comunicação Social da UFC. Gerações de profissionais passaram por suas mãos. Muitos deles criariam grande identificação e a acompanhariam nas lutas do Sindicato ou voltariam encontrá-la na ACI. “Na época, a faculdade era polivalente. Você se formava em Comunicação Social. Você podia exercer jornalismo, relações públicas e publicidade”, diz Emília. “Ela dava a aula dela, não misturava com os assuntos do Sindicato”, conclui. “Lembro bem da disciplina Relações Públicas I. Era exigente e cobrava uma escrita perfeita, um zelo extremo ao correto português”, diz Nilton.

O visual sempre firme e a organização bastante rigorosa causavam, à primeira vista, a impressão de que se tratava de alguém autoritária. A convivência tratava de desfazer qualquer mal entendido. “Nunca foi carrasca. Era mais reflexiva, promovia mais debates”, diz Emília. A colega de magistério Adísia Sá complementa: “No magistério ela era mais dócil. Ela tinha certo carinho com os alunos e era mais maternal, sem ser piegas. Ela gostava de acompanhar o desenvolvimento do aluno dela. Eu não tinha carinho com aluno. Aluno meu é de baixo de peia, mas Ivonete não. Então ela era uma criaturinha muito interessante”.

A experiência com assessoria de alguns reitores somada à vida acadêmica ativa levaram o reitor Raimundo Hélio Leite a convidá-la a assumir a diretoria executiva da *Rádio Universitária FM*. “Foi o homem que mais me botou pra trabalhar. Era assessora de comunicação, era da Editora, era diretora da *Rádio*... Hélio era uma pessoa que dava muito apoio a certas atividades da reitoria”, dizia Ivonete. Por lá, ela também contribuiu com boas mudanças, principalmente, porque o período da gestão do Reitor (1987-1991) era de muita mobilização da sociedade pela redemocratização.

Inaugurada no dia 15 de outubro de 1981, a *Rádio Universitária FM* veio ao mercado apresentar uma programação educativa, diferenciada e independente. À época da fundação, o Brasil vivia períodos políticos instáveis com o caminho para o fim da ditadura militar. Os diversos conflitos ideológicos do período acabavam por refletir na comunidade acadêmica e, conseqüentemente, no cotidiano da Rádio. Quando fundada, os profissionais trabalhavam no gabinete do reitor Paulo Elpídio de Menezes Neto (1979-1983). Ivonete assumiu a diretoria executiva da Rádio no dia 22 de julho de 1987.

Antes de Hélio Leite, o Reitor era José Anchieta Barreto Esmeraldo (1983-1987). “O professor Anchieta, num dado momento, resolveu extinguir o departamento de jornalismo da rádio, e junto com isso extinguiu todo o noticiário. Recomendou que fizéssemos apenas notícias culturais e breves, e mandou embora os que eram contratados precariamente. Os servidores da Universidade foram transferidos, como foi o meu caso, que fui transferido para a Coordenadoria de Comunicação”, explica Nonato Lima, atual diretor da *Rádio Universitária FM* e funcionário da emissora desde a fundação.

“A Ivonete encontrou aqui um grande problema: a *Rádio* ter sido sucateada de propósito. Havia professores que não gostavam da *Rádio Universitária FM*”, explica o professor e jornalista Agostinho Gósson, que sucedeu Ivonete na diretoria executiva da *Rádio* e integra o quadro de colaboradores até hoje. “Ela pegou esse patrimônio e tentou salvar na medida do possível. Coube a mim completar esse trabalho, que era um projeto de reestruturação, sobretudo na parte de equipamento”, conclui.

Entre as primeiras decisões, Ivonete propôs a reintegração do setor de jornalismo, trazendo de volta os profissionais que haviam sido afastados anteriormente. “Quando ela assumiu, traçou como meta deixar a rádio em condições ideais de trabalho. E quais eram essas condições? Sede própria e novos equipamentos, porque os equipamentos que a gente tinha já estavam com sete ou oito anos funcionando. Muita coisa já estava ficando obsoleta. Já havia novas tecnologias no mercado e a própria potência da rádio era muito pequena. Nossa potência era 1,5kW”, analisa Nonato.

Ao longo dos anos, Ivonete lutou e seus sucessores continuaram lutando e ampliando as conquistas de melhores condições de trabalho e de estrutura da rádio. “Ela conseguiu a sede própria, que é esta casa de hoje, onde funcionava o Projeto Rondon. O Projeto foi desativado e ela conseguiu com o Reitor a destinação da casa para a Rádio. Com a própria Reitoria, fizeram um trabalho muito forte pra renovar todos os

equipamentos. Aí foram feitas duas coisas importantes. Primeiro, a ampliação da potência da rádio. Foi de 1,5kW pra 10kW. A rádio deixou de ser quase de bairro para ser uma rádio pra toda a Grande Fortaleza. Segundo, conseguiu transmissor, torre, equipamentos novos, mesa de som para rádio... É como se fosse uma nova rádio, com sede própria e condições adequadas de trabalho”, diz Nonato.

Em 1990 Ivonete aposentou-se. Deixava concluída sua missão no magistério e no jornalismo, e voltava para Jaguaruana. Mesmo se afastando do jornalismo, ainda trabalharia como articulista de educação no jornal *O Povo*. Enviando textos mensalmente, uma rotina bem diferente da que estava acostumada, mas não por opção. Teria que dividir espaço nas páginas do jornal com políticos e outras personalidades. Concluiu apenas o mandato na presidência da ACI, que terminava em 1992, e o de gestora da Rádio, em 1991. Em 2007, ela assumiria a Ouvidoria da UFC, pouco depois da morte da mãe, e permaneceria até 2010. “A sala da Ouvidoria foi conseguida no período da Ivonete também (risos). Ela fez o ‘Minha casa, minha vida’ muito antes do governo (risos). A Ouvidoria, o Sindicato, a Rádio, a grande reforma da ACI e a reforma da Igreja de Jaguaruana, a casa do povo de Deus...”, diz Nonato.

A permanência na Ouvidoria prosseguiu até as demandas da reforma da ACI lhe exigirem uma atenção maior. Foi exatamente em 2010 que teve outra surpresa. “A gente precisava renovar a concessão da *Rádio* e o nome da diretora executiva que estava nos papéis do Ministério era o de Ivonete”, diz Nonato. Nonato ligou para a ouvidora e explicou a situação. Ivonete precisaria assinar o documento para cumprir os trâmites legais e assim poderia também ser atualizada a informação sobre a Diretoria Executiva.

- Que garantia eu tenho que não vou ter problema? – perguntou Ivonete.
- Eu estou garantindo. – disse Nonato.
- Então está certo.
- Vou levar os papéis aí daqui a pouco.
- Não se preocupe, deixe que eu vou aí.

Se Ivonete precisasse sair de onde estava para resolver algo, ela sairia, não ficaria esperando. “A pilha de papéis era desse tamanho”, diz Nonato mostrando com os dedos ligeiramente afastados, distando aproximadamente sete centímetros um do outro. Os documentos foram redigidos por um escritório particular, contratado pela *Rádio*. “Eu deveria ter revisado”, ri Nonato. Ivonete pegou os papéis e iniciou a leitura. Na primeira página tudo ok. Na segunda, também. Na terceira, Ivonete vira-se para o diretor e informa o problema: havia alguns erros de português que a incomodavam. “Ela corrigiu

o documento original inteiro. No dia seguinte, a gente passou a limpo e eu levei lá na ACI pra ela assinar de novo”, diz Nonato. Depois de tudo assinado, surpresa no cartório. A assinatura idêntica, em cada uma das páginas em que se fez necessária, sem deixar marcas no verso da folha provocou a desconfiança dos técnicos.

- Não é falsificação?, perguntou a recepcionista.

- Eu não acredito que você está fazendo essa acusação contra mim... – retrucou Nonato.

Ivonete sempre tratou com amor as letras e os papéis que ficavam sob suas mãos. Não havia repetição de movimentos que a fizesse pesar a mão sobre o papel.

- Ela não deixa passar nem um pouquinho... – dizia impressionada a responsável pela autenticação do documento, virando o papel contra a luz e acariciando com cuidado o verso do papel onde estava assinatura de Ivonete.

4. Negociar, ouvir e lutar

Desde a fundação de seu primeiro embrião, a Associação Profissional dos Jornalistas, em 1944, o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado do Ceará (Sindjorce) lutava por uma sede própria. Ao chegar a presidência às mãos de Ivonete, ela percebeu que não poderiam mais continuar abrigados de favor em uma sala no quinto andar do prédio da Associação Cearense de Imprensa (ACI), localizado na Rua Floriano Peixoto, 735, no Centro de Fortaleza. As lutas sindicais dos jornalistas não ganhariam expressividade num espaço tão plural e que abrigasse tantas ideologias e interesses de distintas categorias (gráficos, donos de jornais, poetas etc.).

A vontade e a luta por uma sede própria para o Sindjorce vinham amadurecendo nas gestões anteriores à dela, mas Ivonete sempre gostou de tomar as rédeas da situação e estava disposta a levar a luta até as últimas consequências. No dia 4 de junho de 1980 ela era empossada como a primeira mulher no Brasil a presidir um Sindicato de jornalistas. A campanha foi limpa e aberta. “A gente fazia correspondência pessoal”, lembra a professora Adísia Sá, que esteve engajada nos bastidores da campanha. “Eu gozava e ainda gozo de muitas amizades, dos velhos companheiros e das novas gerações. Quase todos foram meus alunos”, lembra.

Por vezes, ouviam-se nos corredores dos jornais os debates entre as chapas concorrentes.

- Você vai votar numa mulher para Presidente do Sindicato?

- Mas é exatamente por ela ser mulher que eu vou votar!

A categoria queria mudanças. “Ivonete transitava muito bem na categoria e no patronato. Quando tinha problema o pessoal falava: ‘Chama a Ivonete’, porque ela sempre foi sensata. Não era ‘porra-louca’. Quando a situação já estava pra ‘tocar fogo’ chamavam a Ivonete e ela vinha e argumentava”, conta Inês Aparecida, que foi Diretora de Assistência Social na gestão de Ivonete no Sindicato.

A capacidade de liderança e uma inesgotável determinação para manter-se na luta foram características que sempre acompanharam Ivonete na carreira classista. Dotada de forte magnetismo pessoal, ela era capaz de conquistar o respeito e admiração de colegas de trabalho e de patrões. “Ivonete também envolvia as pessoas. Ela não estava atrás de cargo. Ela queria lutar pela categoria”, conta Adísia.

Por vezes, a postura firme diante de suas convicções foi interpretada como a de uma líder autoritária. “Ela até fez essa autocrítica. Ela era autoritária, mandava... E era

mesmo”, lembra Inês. “Parece-me uma autoavaliação rigorosa. Quem tem a prática de ouvir não pode ser chamado de autoritário. Talvez o que possa ser confundido com autoritarismo fosse a prática dela de concentrar demasiadamente as tarefas sob sua responsabilidade”, diz Nilton Almeida, aluno e amigo que a acompanhou no Sindicato e na ACI. Apesar da personalidade forte na condução do movimento, sua conduta ética era indiscutível. “Com Ivonete aprendi muito, sobretudo a ouvir, a respeitar as divergências em nome da instituição, em nome do Sindicato, tentando contribuir para que nossa categoria avançasse numa perspectiva de luta de classes, rompendo as barreiras das lutas especificamente corporativas”, diz Nilton.

E chegou o dia da posse. Dia de festa para uns. Para Ivonete era o primeiro dia da luta. O então governador, coronel Virgílio Távora, compareceu à posse. Era a primeira oportunidade da jornalista para fazer valer as decisões da primeira sessão ordinária, que definiu como prioridade, entre outras reivindicações junto ao Governo do Estado, a cobrança pela doação de uma sede ao Sindicato, conforme relata Adísia Sá em *Biografia de um Sindicato*.

A posse transcorreu normalmente. Passada a solenidade foi servido um coquetel. Comidas e bebidas liberadas, o cheiro dos petiscos se misturava à fumaça dos cigarros, tão presentes e tão naturais quanto o café em ambientes dominados por jornalistas. Esse momento de descontração seria uma ótima oportunidade para aproximação. Ivonete recebeu os cumprimentos do Governador e, objetivamente, explicou-lhe a situação.

- Olha, Governador, o nosso Sindicato precisa de uma sede e nós gostaríamos que o senhor nos ajudasse. Queríamos que o Governo do Estado tivesse essa meta com o Sindicato dos Jornalistas, disse ela. Virgílio pediu que a Presidente e seus colegas escolhessem a casa e depois voltassem a falar com ele.

O aceno positivo do Governador empolgou Ivonete, mas causou certa antipatia em alguns colegas. “O pessoal dizia que não podia aceitar, porque era o Governador da ditadura. Ela nunca se baixou nem foi conivente com atos da ditadura. Se não fosse por ela a gente não tinha sede até hoje”, explica Inês. Respondendo às críticas, Ivonete reafirmou a Adísia, no livro *Biografia de um Sindicato*: “O nosso compromisso continua de pé: ser fiel ao Sindicato e, por extensão, servir à categoria. Não é frase feita, é convicção”.

Anos mais tarde, as palavras de Ivonete foram confirmadas por seus atos. “Ivonete nunca foi marionete de ninguém. Ela era uma grande líder e se entrosou com

muito mais sabedoria política e sindical nas lutas classistas que eu, que fui militante muito antes dela”, revela Adísia Sá, primeira jornalista mulher sindicalizada no Ceará.

O tempo foi passando desde o contato inicial com Virgílio Távora e nada da sede ser conquistada. “O Virgílio ia pra uma solenidade em algum lugar e lá estava eu: ‘Governador, o Gonzaga Mota [*Secretário de Planejamento do Governo do Estado do Ceará na época*] ainda não liberou o dinheiro para o Sindicato””, dizia a jornalista. “Ivonete, em nome da categoria, não se acanhava de pedir nada não. Não teve liderança como Ivonete. Eu podia estar dizendo isso até com dor de cotovelo. Que esteja com dor de cotovelo, mas é a verdade! (risos). Ela não viveu pra ela. Ela viveu para a categoria e para a família dela. Para ela não”, conta Adísia.

A pressão seguia firme, até que um dia Ivonete encontrou o Secretário de Planejamento, Gonzaga Mota, acompanhado de Virgílio Távora em um evento político. “Eu olhei para os dois e disse: ‘É hoje!’”, lembrava Ivonete. O governador, já sentindo a pressão da cobrança da promessa que havia feito aos jornalistas, avisa a Gonzaga Mota:

- Por favor, libera esse dinheiro pra Ivonete me deixar em paz!

Um ano depois da promessa, a categoria recebeu do Governador a casa situada na Rua Joaquim Sá, 545. O local foi escolhido por ser próximo da maior parte dos veículos de comunicação. A inauguração data de 10 de setembro de 1981, ano em que o Sindjorce organizou a XII Conferência Nacional dos Jornalistas. “Naquele tempo, só o jornal *O Povo* não ficava próximo da sede”, disse Ivonete, que tinha como um dos objetivos de sua gestão unir a categoria independentemente das empresas em que trabalhassem.

“O engajamento da classe era muito maior. Ivonete instigava mais. Apesar de ela ser autoritária, ela ouvia. Ela comandava mesmo”, conta Inês Aparecida. E o convívio de Ivonete com a professora Adísia Sá, desde o período em que foi aluna, a fez enxergar a importância da sindicalização.

“Não existe profissional forte, sem uma categoria forte. Não existe. Eu dizia aos meus alunos: ‘Vão ao Sindicato!’ . Mesmo como estudantes muitos frequentaram, e essa geração nova que está aí, desde nova, sempre frequentava os Sindicatos”, diz Adísia.

Uma consulta à história estampada nas fichas de inscrição e no grande livro de assinatura dos associados no Sindjorce permite a visualização deste engajamento. De 1961 a 1980, o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Ceará registrou 284 assinaturas de profissionais. Somente no período em que Ivonete Maia foi presidente

(1980-1986), foram 242 assinaturas de novos associados. A gestão de Nilton Almeida (1986-1989) contabilizou mais 135.

“Havia reuniões do sindicato em que nós tínhamos mais estudantes que jornalistas. Porque eu era presidente do Sindicato e professora da escola. Foi tão grande essa relação do Curso com o Sindicato que meu sucessor foi um aluno meu, Nilton Almeida. Ele terminou em um ano, e dois anos depois, já era presidente do Sindicato”, disse Ivonete no livro *História e Memória do Jornalismo Cearense*, organizado por Sebastião Rogério Ponte.

Articular uma greve nunca é uma tarefa fácil. Não é atualmente, não foi nos anos 1970 e 1980. Apesar do magnetismo pessoal de Ivonete para formar um movimento coeso, organizar a militância sindical para as lutas sempre despendia muito suor. Ivonete explica em entrevista publicada no livro *História e Memória do Jornalismo Cearense* que o cenário não mudou 20 anos depois das greves e lutas em que ela participou diretamente, no início dos anos 1980.

“O jornalista está na redação e sai correndo para outro emprego, na Prefeitura, na Secretaria tal, na tevê tal, na assessoria de não sei quem... Então, na hora em que o Sindicato vai brigar pelo salário, como jornalista ele pode estar louco para ir ao Sindicato, para ir à reuniãozinha de negociação salarial, mas se lembra de que tem aquele trabalho ali, esse trabalho aqui, que, no confronto, pode perder”, diz.

Passada a década de 1980 viu-se uma diminuição de novas associações seguida por outro período de ascensão dos números. De 1989 a 1995 foram 109 associados. O número voltou a ser expressivo durante a gestão de Déborah Lima (2004-2010), quando foram registradas 349 novas adesões ao movimento. São períodos bem distintos da história do nosso jornalismo, o que acaba provocando distorções nas comparações, mas o que não se pode discutir é a capacidade que Ivonete Maia tinha de envolver a classe em torno das lutas classistas.

Ao perceber uma injustiça com a classe, ela não recuava, não se esquivava, nem evitava determinados assuntos com o patronato. Ao contrário, tomava iniciativa de conversar. Algumas dessas lutas ela conseguiu resolver sem a necessidade de greve ou grandes ameaças, simplesmente argumentando. Em meados de 1985 a diretoria do jornal *O Povo* precisou fazer ajustes na forma de pagamento dos seus profissionais. Os trabalhadores recebiam um adiantamento na primeira quinzena e o restante do salário no fim do mês. A partir desse dia, não mais. Tudo viria em uma parcela só.

A notícia começou a correr pela redação e a preocupar todos os trabalhadores afetados por essa mudança repentina. Principalmente porque a data para receber o adiantamento estava chegando, e as contas e compromissos não podiam esperar. Ivonete era a presidente do Sindicato e não fez alarde. Não gritou. Ivonete partiu para a sala dos chefes para perguntar o que acontecia e reclamar da conduta.

A apreensão na redação permaneceu. Ivonete foi reunir-se com Demócrito Dummar, então presidente do jornal. “Olha, vocês cometeram um grande erro. Por que não avisaram com antecedência, para que a gente tivesse nossas alternativas?”, lembra Ivonete. “Foi o suficiente para pagarem. E avisaram que no mês seguinte não tinha pagamento”, disse Ivonete. “Quando ela se metia numa coisa ela conseguia”, diz Inês. O pagamento quinzenal foi mantido naquele mês, mas no seguinte, com aviso prévio, o dinheiro já não veio na quinzena.

Após esse episódio isolado houve uma paralisação que envolveu toda a classe. A greve durou três dias. A movimentação da categoria começou no dia 26 de novembro de 1985 e a principal reivindicação eram os baixos salários, conforme a ata de reunião da diretoria do Sindicato redigida no dia 30 de dezembro daquele ano. Após muito se discutir e muita articulação, a greve foi instaurada no dia 24 de dezembro, contando com o apoio dos gráficos. A principal pedida da paralisação era o aumento do piso para seis salários mínimos.

“As nossas demandas, era muito difícil que o patronato aceitasse *[integralmente]*”, reconhece Izabel Pinheiro, 1ª Secretária do primeiro mandato de Ivonete no Sindicato e hoje jornalista aposentada. O piso, atualmente, ainda passa longe desse valor, mas a luta foi inspiradora para a greve de 1988.

“A greve de 1985 foi, sem dúvida, uma experiência importante no sentido de avançar nas estratégias de organização e de mobilização nos locais de trabalho (redações), assim como de ampliar a articulação com outras categorias, nomeadamente os gráficos, porque publicitário não faz greve, e os radialistas vivem um longo período de letargia”, diz Nilton Almeida, presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado do Ceará no período de 1986-1989.

“Talvez não seja correto fazer um paralelo, levando em consideração os contextos diferentes sob diversos aspectos. Em exemplo de caráter específico: no período de 1985 a 1988, o quadro social do Sindicato alterou-se significativamente com o ingresso de muitos recém-formados e de profissionais que ainda não eram associados. Outro exemplo de ordem conjuntural: a inflação, em dezembro de 1987, ultrapassou os

366% ao ano, o número de greves crescia no país e os jornalistas faziam greve em muitos estados”, explica Nilton.

“[Após a greve de 1988] os patrões demitiram 74 pessoas e fizeram um pacto terrível: quem tinha sido demitido de um jornal, não seria contratado por outro. Eu, por exemplo, fui retirado do mercado. Se eu não fosse professor eu não teria como sobreviver aqui no Ceará. Os empresários combinaram de colocar pra fora as lideranças. Eu, Nilton Almeida, Ronaldo Salgado... fomos muito perseguidos por conta da greve, sobretudo a gente, que era a cabeça da coisa. Fomos muito perseguidos por isso. Não foi pouco não. Bastante”, diz o colega de Sindicato Agostinho Gósson, que presidiu o Sindjorce entre 1989-1992, no período seguinte ao de Nilton Almeida.

Mas antes de instalar a greve de 1985 era preciso suar para convocar e engajar a categoria. O problema já foi descrito anteriormente e é visto até hoje: reivindicar e arriscar o emprego ou manter-se submisso?

Muitos jornalistas viram na paralisação uma boa oportunidade para conquistas. Um dia após a deflagração, a redação do *Diário do Nordeste* amanheceu desfalcada. O editor-geral e todos os editores foram trabalhar, com exceção de uma editora que aderiu ao movimento. Entre os repórteres, apenas um compareceu para bater o ponto. No *O Povo*, foi um pouco diferente. A adesão foi em massa, ficando de fora apenas o editor-geral, o secretário de redação e um editor, que preferiram não participar. No último dia de greve, voltaram ao trabalho no jornal mais um editor e o chefe de redação.

No outro grande jornal, *Tribuna do Ceará*, os empresários conseguiram um fortalecer o engajamento dos jornalistas com a empresa, que pagava mais comissões a seus profissionais, dificultando a identificação desses jornalistas com o movimento que endurecia. Durante a greve, excetuando-se a *Tribuna do Ceará* os jornais circularam com páginas bastante reduzidas.

“Ivonete tinha um conhecimento extraordinário sobre a forma de pensar e agir do jornalista cearense. Sua sabedoria de mulher calejada, vivida e com longos anos de atuação no meio deu-lhe experiência quanto a uma certa psicologia dos seus pares. Ela os conhecia com profundidade. Não de nome ou de cumprimentar formalmente. Ela conhecia seu âmagô, festejava suas alegrias, sabia dos seus dramas, de suas angústias, de suas revoltas. Cultivava uma sensibilidade incrível para perceber os medos, as covardias, as indecisões dos seus colegas ameaçados pelo poder dos chefes e pela ameaça do desemprego. Conhecia a pluralidade, a diversidade de pensamentos, de ideias, de correntes. Por isso mesmo, tinha um equilíbrio excepcional para administrar

essas diferenças, o que somente é possível conseguir com habilidade. Conciliadora por temperamento, dificilmente ia contra a corrente, mas ao mesmo tempo incorporava os sentimentos dos mais novos, da minoria, digamos. Creio que isso tudo deu a Ivonete a credibilidade que ela detinha”, explica Nilton.

Com a participação maciça da categoria, conseguida pelo Sindicato, o patronato teve que negociar. Manuel Eduardo Pinheiro Campos, então presidente do Sindicato das Empresas Proprietárias de Jornais e Revistas do Estado do Ceará, reuniu-se com Ivonete para buscar um acordo, às vésperas do Natal de 1985. Com 62 anos na época do debate com Ivonete, Manuelito Eduardo, modo como ela se referia a ele, já havia publicado 31 obras, entre contos, ensaios, romances, estudos e peças teatrais. Menos da metade dos 70 publicados em vida.

Eduardo Campos era definitivamente um intelectual completo. Homem fino, educado e elegante, esteve presente no 1º Congresso de Poesia do Ceará, realizado no dia 23 de maio de 1942. Desse congresso surgiu o Grupo Clã, grupo literário que reuniu grandes nomes da literatura cearense como Antônio Girão Barroso, Moreira Campos, João Clímaco Bezerra e Artur Eduardo Benevides. Eduardo era Presidente do sindicato patronal, sempre escolhido para negociação pelas empresas de jornal por sua sagacidade e grande habilidade com as palavras. De ironia perspicaz, o senhor de cabelos grisalhos e óculos pesados sobre o nariz poderia tirar do sério qualquer um que se pusesse em seu caminho argumentativo. Havia sido diretor de quatro das empresas dos Diários Associados (a *Ceará Rádio Clube*, a *TV Ceará* e os jornais *Correio do Ceará* e *Unitário*), que viria passar por graves dificuldades com a cassação da *TV Ceará* e dos jornais impressos pela ditadura no mesmo contexto histórico do início do mandato de Ivonete.

Sentados à mesa, as rodadas de argumentação são cansativas e estressantes. A comissão negociadora dos jornalistas, Ivonete Maia, Agostinho Gósson, Nilton Almeida e outras lideranças eleitas em assembleia sindical dispõem-se diante de Manuelito. As voltas que as palavras ganham nos discursos se perdem em significado no meio dos gestos, papéis e números expostos. As ideias são consumidas pelas horas de explanação. Falta dinheiro para empresa. Falta tempo. As condições de trabalho não são as ideais. As empresas fazem o que conseguem. Não é suficiente. Os olhos corroem-se diante da maresia das palavras de cada uma das partes. Os debatedores encarnam Fidípedes e põem-se a correr sua interminável maratona para levar boas notícias às categorias.

Ivonete não se deixa intimidar pelo interlocutor nem quando o rumo do debate começa a se perder.

- Ivonete, você quer estragar o nosso Natal? perguntou Eduardo.

- E vocês não vão estragar o nosso também, não? Só quem tem direito a Natal são os patrões? E nós, os empregados? retrucou Ivonete.

A negociação se arrastou, levando a greve a se dar por encerrada ainda antes do Ano Novo, numa sexta-feira, dia 27 de dezembro de 1985. Na segunda-feira seguinte (30), foi assinado o acordo salarial com os patrões. Entre as represálias registradas, o jornal *O Povo* concedeu férias a 10 profissionais engajados na paralisação e pediu os cargos dos editores envolvidos, segundo publicou a ata do dia 30 de dezembro da Diretoria do Sindjorce, reunida para avaliação da greve.

Eduardo Campos ainda voltaria à mesa de negociação durante a grande greve de 1988, desta vez diante de Nilton Almeida, aluno de Ivonete na UFC e, segundo Adísia Sá, “grande pupilo” da ex-presidente do Sindjorce nas lutas sindicais, e outras lideranças como os professores Ronaldo Salgado e Agostinho Gósson. A Diretoria do Sindjorce, considerou o movimento vitorioso. “No nosso ponto de vista foi uma luta vitoriosa. A Ivonete tinha muito jeito para conduzir o processo todo, por isso a gente sempre teve êxito nesses movimentos”, diz Izabel. Apesar de não conseguir o aumento salarial esperado, a participação dos gráficos, ainda que tímida, e a adesão de grande parte dos jornalistas, empolgou a Diretoria.

A boa relação de Ivonete com o patronato nasceu quando ela ainda era aluna da Universidade Federal do Ceará. Sempre esforçada, Ivonete estava sempre próxima de seus professores. Em 1965 ela bacharelou-se em Letras Neolatinas pela Faculdade Católica de Filosofia do Ceará. Seu grande interesse pela leitura, sendo descrita por Adísia Sá como uma “machadiana tarada” pela gramática e pela língua portuguesa muito contribuíram para que tivesse um texto de destaque na sua carreira.

Além de sua qualidade profissional Ivonete possuía carisma e grande habilidade com as palavras para expor seus desejos e ambições. José Caminha Alencar Araripe (J.C. Alencar Araripe) era diretor de jornalismo do jornal *O Povo* em 1968 e professor do curso de Comunicação Social da UFC. Cabelos escassos logo após a testa, óculos quadrados de armação grossa, bigode, sempre bem vestido, conforme pediam as diversas ocasiões em que emprestava sua voz e seu texto ao jornal nos eventos solenes, como as inaugurações de sucursais Brasil afora, o homem era mais que o diretor do jornal.

Este homem forte da imprensa se encantou com as habilidades jornalísticas de Ivonete e atendeu ao pedido da então aluna, levando-a para o jornal *O Povo*, em 1968. Nesse período, ainda não estava formada a primeira turma de jornalistas da UFC, por isso não havia muitas referências de jovens profissionais no mercado. As contratações nas redações eram feitas por indicações. Os jovens aspirantes a escritores, hábeis com as palavras e a língua portuguesa, chegavam às redações para serem treinados e transformados em jornalistas. Essa relação de “favor” prestado aos jovens dava às empresas certo ar paternal sobre esses aprendizes. Anos mais tarde, com a crise dos Diários Associados, as opções de trabalho para os jornalistas ficaram bastante reduzidas. “Antigamente tinha essa cultura de que era um favor você estar trabalhando no *O Povo*, porque só tinha aqueles veículos”, conta Adísia.

Esta proximidade com J.C. Alencar Araripe abriu os olhos dos empresários do jornal para uma jovem jornalista séria, dotada de princípios éticos e morais bem definidos e com uma fonte inesgotável de disposição para defendê-los e para lutar pelo bem coletivo. Os empresários viam em Ivonete a personificação do que o jornal deveria ser. Ivonete era uma das “crias” do jornal. Uma filha ideológica. Do mesmo modo, o jornal era objeto de desejo profissional de Ivonete.

“Eu iria trabalhar com Flávio Ponte, Antônio Pontes Tavares, Morais Né, Odalves Lima, com os dois maiores editorialistas que a imprensa do Ceará já teve até hoje: Odalves Lima e Morais Né. Para mim era o máximo ir trabalhar no jornal *O Povo*, por conta da equipe que tinha o jornal”, diz.

O erro do jornal nesse caso de amor foi acreditar que Ivonete era sua propriedade. A identificação que ela mantinha com o *O Povo* era mensurável pela responsabilidade e confiança que a empresa depositava em seu trabalho. “Ivonete preenchia páginas inteiras sobre educação”, lembra Adísia. Mas o bem-estar coletivo, o bem-estar da categoria diante de condutas abusivas ou interpretadas por Ivonete como tal jamais poderiam ser ignoradas, em benefício de seu próprio bem-estar.

“O jornal *O Povo* achou que ela, por ter sido ‘cria’ do jornal, nunca poderia liderar ou engrossar um movimento contrário ao empresariado de comunicação. A ideia era essa: se você foi do jornal *O Povo* você tinha que morrer pelo jornal *O Povo*, conta Adísia. Nas lutas sindicais por melhorias nas condições de trabalho, nas lutas por melhores salários, quem estava empunhando a bandeira da categoria na frente das massas de trabalhadores? Quando o assunto envolvia a coletividade, Ivonete não se curvava. Ela era briguenta”, lembra Adísia.

Essa concepção do patronato, de achar que todos os jornalistas devem ser fiéis e submissos simplesmente por terem um emprego, ainda reinou por muito tempo no mercado da comunicação social cearense. Na atual situação, pensar que isso ainda pode existir é um anacronismo que beira a ingenuidade. É negar a abertura de opções para os profissionais. O ambiente digital, que hoje quase ignora as antigas fronteiras e distâncias do *on-line* e do *off-line* clama por profissionais de conteúdo exclusivo. A coragem de Ivonete Maia ao desafiar uma ordem tradicional que ainda não vislumbrava tantas oportunidades serve de inspiração para as novas gerações. A preocupação dela ao fazer jornalismo nunca foi manter um emprego.

“Isso criou uma animosidade, haja vista que só há pouco tempo Ivonete voltou a ser colaboradora do jornal [*O Povo*]. Pouco de morrer ela voltou a ter uma coluna mensal! Quem era Ivonete para ter uma coluna mensal?”, questiona Adísia. “Quem manteve páginas inteiras de educação no jornal *O Povo*. Ela foi editora de educação por muito tempo, articulista da área de política...”, lembra.

Com a greve de 1985 Ivonete mostrou para a geração posterior à dela que era possível reclamar e espernear diante do descaso das empresas de comunicação com as condições de trabalho e baixos salários dos jornalistas, e conquistar vitórias, ainda que parciais. “A greve de 1985 deixou uma frustração latente e alimentou na categoria o desejo acentuado de tentar reverter a extrema exploração a que os jornalistas cearenses estavam submetidos, realidade facilmente constatada pelos salários absolutamente injustos. Nesse quadro, então, o sentimento era de confronto mais uma vez”, explica Nilton.

Essa luta constante pela valorização da categoria foi outra bandeira de sua gestão.

“Foi um trabalho bom, feito no Sindicato dos Jornalistas com o Sindicato dos Radialistas, dando assistência jurídica e material para o pessoal dos Diários Associados”, lembrou Ivonete.

No dia 18 de julho de 1980 o governo militar cassou a concessão do grupo de Assis Chateaubriand, encerrando as atividades da *TV Ceará*, Canal 2, a afiliada a rede Tupi, e do jornal impresso *Unitário*. Segundo relata Adísia no livro *Biografia de um Sindicato*, “a entidade proporcionou assistência aos profissionais, acompanhou todos os acontecimentos e adotou iniciativas para a emergência, seja através de ajuda financeira, seja ficando ao lado do Sindicato dos Radialistas, seja reunindo os interessados para o encaminhamento de medidas que o momento sugeria”.

O jornal *O Povo* do sábado, 19 de julho de 1980, noticiou: “Dentel calou a TV Ceará”. No lide: “Eram 11h39min quando o animador Augusto Borges, interrompendo a projeção de um tape referente à visita do Papa João Paulo II à nossa capital, se dirigiu aos telespectadores e conseguiu apenas anunciar: ‘Afiml, chegou o momento’. No mesmo instante, a imagem do Canal 2 desaparecia do ar”. Os funcionários da empresa tentaram comover a opinião pública e as autoridades, varando a madrugada e permanecendo em vigília por 18h19min, segundo o jornal.

“Eu trabalhava no Canal 2, à tarde, que era a *TV Ceará*, e de manhã no *Correio do Ceará*, dos *Diários Associados*, mas nesse dia eu vi o rapaz da Dentel (Departamento Nacional de Telecomunicações) tirar o cristal, que é a peça que mantém a emissora do ar”, diz Wilame Moura. Após reuniões com a categoria, ficou decidido que seria promovido um show com grandes artistas cearenses (Fagner, Belchior, Ednardo...) no Teatro José de Alencar para ajudar os jornalistas que ficaram desempregados após essa decisão do governo.

Além de funcionário da empresa recém-fechada, Wilame Moura era tesoureiro do Sindicato. À época, o jornalista já morava no atual endereço, logo após o Shopping Center Iguatemi, no bairro Cocó, em Fortaleza. “Era um deserto”, lembra. Encerrado o show, o jornalista seguiu do Centro para o Cocó, em seu Fusquinha, levando a mala com o todo o dinheiro, em espécie, para prestar contas no Sindicato no dia seguinte. “O dinheiro arrecadado no show foi dividido entre os profissionais que ficaram sem emprego”, diz. Outra ação do Sindicato foi feita com a doação de quadros de amigos artistas e montada uma exposição e venda dos objetos na Avenida Beira-Mar.

A posse de Ivonete no Sindicato havia sido na quarta-feira, 4 de junho de 1980. Na sexta-feira a Diretoria resolveu promover uma faxina completa na sala que o Sindjorce ocupava, no quinto andar do Edifício Perboyre e Silva, sede da ACI, para começar a funcionar já na segunda-feira seguinte, mesmo sem sede própria, com a cara da primeira mulher eleita Presidente de um Sindicato de Jornalistas. Como responsável por congregar todos os setores da imprensa, a ACI cedia seu espaço para outros sindicatos e movimentos sociais se organizarem. Por vezes, era possível presenciar jornalistas esbarrando com companheiros do Sindicato dos Gráficos, por exemplo, pelos corredores da entidade.

Ivonete chegou cedo. No quinto andar convocou sua diretoria e militantes simpatizantes para a primeira reunião e delegação de funções. Fazendo uma análise sobre o espaço que dispunham, a Diretoria listou as prioridades da limpeza. Ao aproximar-se da salinha que identificavam como uma espécie de almoxarifado do Sindicato, Ivonete viu uma situação emergencial. “Vamos precisar organizar isso aqui”, disse.

Adísia se aproximou do armário abarrotado de papéis e abriu lentamente a porta, que parecia emperrada. Documentos oficiais, livros de atas, convites para solenidades, catálogos telefônicos e uma infinidade de papéis despencaram das prateleiras e vieram ao chão, abrindo o sorriso no rosto da professora.

“Vamos selecionar e fazer uma triagem pra ver o que se pode jogar fora e o que se aproveita!”, exclamou Adísia.

O Sindicato vinha das mãos de homens. Eles recebiam os ofícios e despachavam o que podiam. Os documentos a ser arquivados tinham como o destino o armário. Depois de certo tempo, até o que não necessitava de arquivo histórico tinha como destino o tal armário. “Mulher da minha marca, que gosta de ver se a sua casa está bem zelada, não pode trabalhar nessa bagunça”, dizia Ivonete. Adísia sentou-se no chão e deu início a triagem. Enquanto isso, Ivonete flutuava entre as outras missões da faxina. Além da bagunça do armário também se preocupava com o piso, as paredes, os móveis... Por isso, toda a Diretoria estava ocupada trabalhando na faxina, para deixar a sala em ordem.

Para ganhar tempo na triagem, Adísia separou pilhas de documentos aproveitáveis perto de onde estava sentada. Tudo que não precisava voltar para o armário ela simplesmente amassava, e jogava direto na cesta de lixo que havia providenciado.

“Estávamos todos lá arrumando o Sindicato. Eu, Ivonete, Niltinho [*Almeida*], Marília [*Rabelo*]... Todo mundo encerando, lavando o chão, organizando a papelada do armário e... Tomando cerveja!”, lembra Adísia.

Ao fim da tarde, o cansaço físico se distribuiu com os goles de cerveja por todo o corpo dos presentes. “Quando a noite chegou foi rede pra que te quero!”, lembra Adísia.

O armário nem parecia o mesmo. Os documentos estavam agora todos organizados para facilitar a consulta e o saco de lixo abarrotado de papel. Ivonete seguiu para casa de Adísia, onde passaria noite depois de um dia inteiro de trabalho. Deitadas e

prontas para o sono dos justos, cada uma em sua rede, na varanda da casa de Adísia, a veterana professora refletia sobre o dia e começava a enxergar o que realmente tinha acontecido no prédio da ACI.

- Ivonete, eu tava pensando aqui...

- Hmm...

- Eu joguei fora toda a história do Sindicato...

- Tu é doida, mulher?!

- Joguei...

- Por quê?

- Eu amassei os documentos e joguei no lixo!

- E agora?! O Sindicato já está fechado! Amanhã é sábado, ninguém vai abrir!

Não se dormiu mais naquela casa de ansiedade. Na segunda-feira, Adísia pegou seu carro e foi com Ivonete às 5h30min da manhã, esperar que alguém da ACI abrisse o prédio. Ivonete subiu para a sala do Sindicato e não encontrou a cesta de lixo. Quando perceberam, avistaram um jovem, que já havia separado todo o lixo produzido no local, incluindo o do Sindicato, caminhando pela Rua Floriano Peixoto.

- Pelo amor de Deus! Esse saco de lixo aí não! - pediu Ivonete.

- Mas, professora, o caminhão de lixo vai passar agora para pegar!

- Mas esse lixo aí não, explicou Adísia.

As duas apanharam e derrubaram o lixo no chão da sala do Sindicato e puseram-se a ler. “Lá estava toda a história do Sindicato. Tão grande estava a história que eu fiz o livro”, conta Adísia. “Ajeitamos o papel e a Ivonete arquivou tudo. A história ficou ainda guardada, acredito. Depois disso, os meninos conservaram”, diz. É bem verdade que não estavam todos os documentos no armário organizado por Adísia e Ivonete. Faltavam alguns livros de ata, que durante os Anos de Chumbo (1964-1985) haviam desaparecido. Quando correu a notícia de que Adísia estava escrevendo o livro, a surpresa aconteceu. “Um dia vou entrando no Sindicato, lá em cima, quando eu vejo, sobre os capachos, estavam os livros de atas do sindicato. Até hoje ninguém sabe quem foi que guardou esses livros. Alguém nosso tirou e guardou, porque aquilo teria sido destruído pelo movimento de 1964”, lembra Adísia.



Figura 5 - Lançamento do livro "Biografia de um Sindicato" 1981 - Arquivo Pessoal

Após colocar os arquivos do Sindjorce em seu lugar, foi dada continuidade aos objetivos da gestão. A próxima missão era planejar o cronograma para colocar em prática todas as metas sindicais. Acompanhar a agenda do Governador para pressioná-lo pela doação da sede; planejar a elaboração do jornal interno (ainda bimestral); montar as estratégias de fiscalização do exercício profissional; acompanhar os acordos salariais, prezando pelo respeito ao jornalista, defendendo e preservando os direitos e, viabilizando tudo isso, a mobilização da própria categoria em torno do Sindicato.

Logo no início da gestão Ivoneite precisou interferir em sua Diretoria. O Vice-presidente, Francisco das Chagas Rodrigues (Bilas), aceitou assumir a editoria no *Diário do Nordeste*. Um cargo de editoria é um cargo de confiança e requer um engajamento com a empresa capaz de provocar constrangimentos no Sindicato. Para não prejudicar o próprio colega, Ivoneite alertou que ele precisaria renunciar. Esse cuidado Ivoneite tinha com os colegas, mas não tinha consigo mesma.

“O Sindicato era o lugar onde o jornalista chegava para chorar suas mágoas, para brigar, para polemizar, para ser contra, para dizer que eu estava sendo patronal porque estava tomando um cafezinho com Demócrito lá na cantina do jornal *O Povo*”, lembrava. Por mais que ela explicasse que estava resolvendo problemas de terceiros, ao conversar com os diretores de empresas, essas reuniões ainda deixavam alguns colegas com o pé atrás.

A eleição para o segundo mandato foi mais tranquila. No dia 13 de janeiro de 1983 maior parte dos jornalistas sindicalizados (279 dos 390) estavam reunidos no I Congresso dos Jornalistas do Estado do Ceará. Ao final do evento foi proposto formar a

chapa para o próximo mandato. “Na plenária final do Congresso nós vamos fazer uma prévia. Quem for mais votado viria pra cabeça de **chapa**, o segundo para a Vice-presidência, o terceiro para a Secretaria, o quarto para a segunda secretaria...”, disse Ivonete.

Nessa consulta foi pedida a indicação de sete nomes, ou seja, cada jornalista votaria em sete possíveis nomes para composição da chapa. Dos quase 300 jornalistas que podiam ser votados, 191 foram citados. Ivonete recebeu 222 votos e foi escolhida para encabeçar a lista. Em segundo lugar, ficando naturalmente como Vice-presidente, foi eleito Blanchard Girão, com 141 votos. Marília Rabelo, 100 votos; Inês Aparecida, 99; Zínia Araripe, 86; Izabel Pinheiro, 67 e Wilame Moura, 66, completaram a lista.

Em 1986 Ivonete deixou a Presidência do Sindicato com a certeza do “dever cumprido”, conforme discursou na solenidade de posse de Nilton Almeida, novo Presidente da entidade para o período 1986-1989. Uma greve bem resolvida, com boa adesão, uma sede nova para o Sindjorce, congressos realizados com sucesso, a contribuição para a elaboração de livro contando a história da categoria em sua entidade de classe. Ivonete se afastou, mas não saiu de perto das lutas classistas.

5. Projetos e reparos

Em 1989, quando a calmaria parecia tomar conta das atividades jornalísticas de Ivonete, agora dedicada ao jornal *O Povo*, ao magistério na Universidade Federal do Ceará e ao cargo de 2ª vice-presidente da Associação Cearense de Imprensa, uma surpresa. Na redação do jornal, o colega e então Presidente da ACI, Pádua Campos, aproxima-se de Ivonete e confessa:

- Ivonete, você é a candidata mais indicada a me suceder na ACI. Com certeza é a candidata natural à presidência da Associação.

A ideia já estava em gestação antes da abordagem de Pádua. Dias antes, numa conversa corriqueira na redação do jornal *O Povo*, Ivonete havia sido encorajada por outro colega. “As coisas acontecem na vida da gente, às vezes, a partir de uma conversa. Alguém disse pra mim: ‘Por que é que tu não te candidatas à presidência da ACI?’”, lembrava Ivonete.

Quando um desafio como aquele se punha diante de Ivonete era difícil recusar. Sua disposição para liderar e capacidade de se entregar a um projeto sempre falariam mais alto. Ivonete topou.

“Você será minha candidata, Ivonete!”, disse-lhe Pádua.

A ideia entrou na cabeça e não saiu. Como preparar campanha? Certamente, muitos colegas que a acompanhariam nessa empreitada. Isabel Pinheiro, Wilame Moura e Marília Rabelo, que estiveram com ela no Sindjorce, eram alguns desses. O amigo Ítalo Gurgel também. Ainda chegariam muitos outros que ajudariam a compor a chapa do primeiro mandato de Ivonete na ACI, como Durval Aires, que foi chefe dela na *Gazeta de Notícias*.

Os dias foram passando e a empolgação se firmando no peito de Ivonete. Pádua Campos continuava decidido a abrir mão da reeleição e apoiar Ivonete, mas os colegas da situação começavam a cogitar o segundo mandato. Com mais um mandato, Pádua poderia dedicar-se mais e aumentar sua contribuição para a Associação. As propostas de reformular a chapa e continuar o projeto num segundo mandato foram atijando o coração de Pádua e acendendo o desejo de continuar na presidência. A então diretoria da ACI começou a agir.

- Você vai para o segundo mandato. Todos os presidentes da ACI tiveram mais de um mandato... – cobravam dele os mais antigos.

Antônio de Pádua Campos era um senhor de aparência tranquila e serena. Foi presidente da ACI de 1986 a 1989 e, nesse período, apesar de aparentar fragilidade por conta do biotipo mais magro, agiu com rigor quanto a questão dos alugueis da Associação e acabou por colecionar antipatias durante a gestão. “Reivindico para mim, o mérito de ter brigado com todos os inquilinos da ACI, de ter brigado com eles para a atualização dos alugueis”, disse Pádua na entrevista publicada no livro *Associação Cearense de Imprensa: 85 anos na pauta do Ceará*. Como não havia lei que atualizasse o valor dos aluguéis, os valores eram acertados de comum acordo entre as partes. O problema se agravou na gestão dele, por isso foi necessário sentar à mesa negociar.

Trabalhando ao lado de Ivonete no jornal *O Povo*, Pádua pode atualizá-la imediatamente da súbita mudança de planos. Precavido, o jornalista toca no assunto já com ar preocupado, temendo desapontar Ivonete com a novidade:

- Ivonete, eu lamento, mas os colegas estão endossando a minha candidatura e eu vou ter que concorrer a um novo mandato na ACI...

- Eu também lamento, Pádua, porque você tinha dito para mim que eu seria candidata e agora eu já estou em campanha. Nós vamos concorrer!

A vitória de Ivonete foi consequência do carisma da candidata tanto com patrões quanto com empregados. Apesar da vitória, a campanha não correu de forma tranquila. “Diziam que eu ia ‘cutizar’ a ACI. Imagine só! Eles inventaram até esse verbo (risos)”, dizia Ivonete. “Não tem nada a ver ACI com CUT! Não sei nem de onde partiu isso. Isso deve ser alguma mente torta (risos)...”, completa a amiga de confiança que foi Secretária-Geral da ACI naquele mandato, Izabel Pinheiro. “Se não botei o Sindicato na CUT, vou botar a ACI? Não tem nada a ver, é completamente diferente do Sindicato. Lá na ACI tem patrão e empregado”, lembrava Ivonete. Segundo publicou o jornal *O Povo* no dia 3 de agosto de 1989, a eleição foi uma das mais acirradas da história da ACI. Dos 844 associados aptos a votar, Ivonete foi a escolhida de 286. Pádua recebeu 241 votos.



Figura 6 – Recorte de jornal - Arquivo Pessoal

A história dela com a ACI não começava nesse mandato. Em 1969, recém-saída do Curso de Comunicação Social da UFC, há nove anos jornalista, Ivonete já estava por lá, como também já fazia parte do Sindicato. Havia sido suplente da diretoria de Antonio Carlos Campos de Oliveira, no penúltimo mandato dele como presidente (1973-1975). Na gestão de Pádua Campos (1986-1989), Ivonete era secretária, responsável pelas atas. “Esse negócio de escrever ata era comigo mesmo”, disse.

Até porque esse sempre foi um dos objetivos de Ivonete na ACI: trazer de volta ao Centro da cidade o fervor cultural de outras épocas, tudo a partir do Edifício Perboyre e Silva. “A ideia era acabar com aqueles alugueis de sapataria, de pastelaria, de café que tem embaixo. Em vez de vendermos pastel e sapato nós íamos vender livros. Fazer uma espécie de mini-auditório para exposições, fazer ali um espaço cultural”, lembrava Ivonete. Com o surgimento do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado do Ceará (Sindjorce), a ACI perdera suas funções de lutar pelas questões trabalhistas e salariais, passando a se dedicar às causas culturais.

A ACI não engloba apenas jornalistas. Ela é “uma sociedade constituída pelos que desenvolvem atividades nas áreas de comunicação social, ou que tenham prestado serviços relevantes à classe jornalística”, conforme define o Artigo 1º do Estatuto Social da entidade. Ivonete ainda explicava: “Um profissional que está preocupado com o salário ou com a hipótese de ser dispensado do emprego, tem toda razão de dizer que a ACI é parada. Para essas questões a ACI não tem como agir, porque aí estaríamos

entrando na seara do Sindicato, e como tal fragilizando o Sindicato, o que não nos interessa”.

As ideias de investimento cultural começaram a ser discutidas já no fim do primeiro mandato de Ivonete e por isso acabaram ficando na gaveta.

No segundo mandato de Ivonete (2008-2010) a ACI já não vivia seus tempos de glória. Depois de eleita, Ivonete tratou como encerrado o assunto “fraude nos prêmios anuais de jornalismo”, ocorrido em 2007, pela repercussão negativa na imprensa e para recuperar a credibilidade dos tão antigos prêmios da Associação. Ao pedir a Angela Barros Leal que atualizasse a história da ACI, reservou-se a prerrogativa de abordar o assunto no posfácio. Um trecho curto e direto, sem timidez nem covardia, porém colocando panos quentes e apontando apenas para o futuro:

“A tarefa primeira estava bem clara: reconquistar a credibilidade dos Prêmios Anuais de Jornalismo, na sua 40ª edição em 2008. O que ocorrera no ano anterior (fraude nos resultados do prêmio para Jornalismo Impresso), cujos pormenores foram largamente divulgados na imprensa local e apurados em Comissão de Sindicância Interna, estava superado e passava a se constituir em lastimável episódio da história da entidade”.

Para Ivonete, a história da ACI não poderia ficar manchada por um erro demasiado humano. Mas são com nossos erros e com erros dos outros que aprendemos. As informações que seguem foram publicadas na imprensa cearense.

O retorno a uma ACI diferente

A entrega dos prêmios de reportagem no ano de 2007 foi fraudada, conforme apuraram e julgaram a Comissão de Sindicância Interna da ACI e a Comissão de Ética do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado do Ceará (Sindjorce). Mesmo recorrendo à Comissão Nacional de Ética da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), a decisão de punir os envolvidos foi mantida. Concorriam ao 39º Prêmio Anual de Jornalismo da ACI três reportagens. “Documento BR - Histórias de exploração sexual de crianças e adolescentes nas rodovias federais”, de jornalistas do jornal *O Povo*, e duas produzidas por profissionais do *Diário do Nordeste*, intituladas “Grupo de extermínio” e “Fortaleza de contrastes”. A comissão julgadora era composta

por três membros: José Caminha Alencar Araripe, José Carlos de Araújo, jornalistas convidados pelo então Presidente da entidade, Zelito Nunes Magalhães, terceiro membro da comissão. A reportagem premiada receberia um diploma da ACI e um cheque no valor de R\$ 1.500,00.

Chegado o dia da solenidade, 10 de setembro de 2007, estavam preparados o cheque único de R\$ 1.500,00 e os diplomas. J.C. Alencar Araripe escolheu como reportagem vencedora “Fortaleza de contrastes”, da jornalista Maristela Crispim do *Diário do Nordeste*. José Carlos de Araújo votou na reportagem do jornal *O Povo*: “Documento BR - Histórias de exploração sexual de crianças e adolescentes nas rodovias federais”, dos jornalistas Cláudio dos Santos Ribeiro, Demitri Túlio, Felipe Araújo e Luiz Henrique Campos. Zelito desempatou votando na matéria do *O Povo*, portanto, vencedora do prêmio. Porém, segundo concluiu a Comissão de Sindicância Interna da ACI, interveio o futuro Vice-presidente, eleito para o período 2007-2010, Francisco Luciano (Luque) dos Santos.

Luciano Luque providenciou três diplomas e três cheques no valor de R\$ 500,00, assinados pelo presidente Zelito, que, com esta atitude, acabou por confirmar a conivência e concordância da diretoria executiva da ACI que concluía o mandato naquela noite. A terceira reportagem, que não havia sequer sido votada, também receberia o prêmio. O Vice-presidente da gestão de Zelito e Presidente eleito para o próximo triênio, Paulo Tadeu Sampaio de Oliveira, não interferiu na mudança do resultado final do Prêmio Anual que acontecia diante de si. A Comissão de Sindicância Interna recomendou e foram convocadas novas eleições.

No dia 22 de janeiro de 2008 Ivonete Maia retornava à presidência da ACI. “Por ter deixado um bom registro do primeiro mandato, foi bem lembrada pelos associados, que apoiaram a indicação do nome dela”. lembra Angela. “Ela nos contava que estava ali porque tinha um amor muito grande à ACI”, conta Emília Augusta Bedê, 1ª Secretária do terceiro mandato de Ivonete.

Na volta à ACI Ivonete também encarou um processo eleitoral com chapa concorrente. Mas a história foi bem diferente da primeira eleição (1989-1991). “Foi uma eleição fora do comum”, explica Wilame Moura, Diretor de Patrimônio. “E outra coisa, não houve aquele negócio de ligar pra chamar o pessoal pra votar. Eu lhe digo com toda honestidade, nunca disse nem a ela nem a Izabel: eu não fiz mais do que duas ligações. Porque eu sabia que os nomes pesavam. Ela já tinha sido Presidente da ACI e do

Sindicato. A Izabel e eu estávamos com ela. Então a categoria conhecia os candidatos”, diz Wilame.

Dos 189 votos computados, a chapa composta por Ivonete Maia, Izabel Pinheiro e Wilame Moura recebeu 172, ou seja, 91% dos votos. Ainda houve um voto nulo, restando 16 votos para a chapa adversária. “Foi um mandato-tampão”, diz Wilame. O mandato foi de transição para contornar o delicado momento que vivia a ACI. “Não era que a gente baixasse a cabeça pra ela. A Ivonete ouvia muito a gente, e a gente ouvia muito a Ivonete. O nosso pensamento era o que nos unia, eu, ela e Izabel”, diz Wilame. Ivonete presidiu a entidade até 2010, quando novamente foi eleita e trabalhou até 2012.

Ela queria preservar a história da entidade e evitar que apenas o episódio da fraude se fixasse na memória da sociedade cearense. Por isso a resposta precisava vir rapidamente. “A Ivonete raramente deixava de conseguir algo. Ela ia, mexia de um lado, mexia do outro e conseguia”, lembra Izabel. Foi assim que ela conseguiu patronos “de acordo com o tipo de prêmio. Por exemplo: Economia - FIEC; Rádio - *O Povo*; Desenvolvimento Regional - BNB; etc. Ela sempre conseguia e dava certo. Era um dom de argumentar e de convencer”, lembra Izabel.

“Hoje, eu estou com esse problema de entregar os prêmios de reportagem. Eu não tenho dinheiro. Ela era carismática. Ela e a Adísia. Esses prêmios continuam anualmente por uma luta dela”, diz a Presidente em exercício, Emília Augusta



Figura 7 - Entrega do Prêmio Anual de Jornalismo (2008)

O reencontro com o robusto prédio erguido no Centro de Fortaleza trouxe paz para Ivonete e a ajudou a preencher a cabeça com assuntos que muito a interessavam: causas coletivas. Em 2007 ela deixava Jaguaruana, onde acompanhara e cuidara da mãe durante sete anos e dez meses, e assumia o cargo na Ouvidoria da UFC. No ano seguinte, o retorno para a ACI. As condições físicas do prédio já não eram as mesmas de anos atrás. Manchas e fissuras nas paredes não conseguiam melhorar a imagem da Associação. O reboco do teto cedia lentamente, enquanto as irregularidades no piso de taco denunciavam o caminho que a ACI havia tomado. Mas Ivonete voltava para casa e tinha como missão “reposicionar a ACI aos fatos”, como disse a Angela Barros Leal no livro *ACI: 85 anos na pauta do Ceará*.

As finanças, os novos problemas e a reforma

- Escute - disse Ivonete a Angela, pedindo o silêncio.

A autora pôs-se a ouvir “a sinfonia de buzinas dos veículos, os pregões dos vendedores na porta das lojas, a música estridente nas caixas de som, o burburinho das conversas nas calçadas”, como relata. “Eu amo esse barulho!”, assegurou Ivonete.

Por mais que amasse a convivência com o Centro de Fortaleza, Ivonete ainda pretendia colocar em prática as ideias que não conseguiu em sua primeira gestão. Mas antes de pensar em tratar dos aluguéis do térreo do prédio e tentar restabelecer o projeto cultural para ACI, a Presidente descobre um inquilino no quinto andar da Associação. “Os meninos, por dinheiro ou sei lá, permitiram que no meio da sala se fechasse um espaço”, conta Adísia Sá.

Na verdade, o espaço alugado é amplo e ocupa cerca de metade do andar, deixando a biblioteca e a hemeroteca num cantinho tímido, escondido ao lado direito de quem adentra no hall, por trás da estrutura de acrílico cedida pelo então presidente da ACI Stênio Azevedo (2001-2004). Os inquilinos não possuem qualquer ligação com a Associação ou com a história do prédio. O Centro invadiu o prédio da ACI e, ainda hoje, a situação permanece na pauta da Diretoria. Por várias vezes Ivonete recebeu e discutiu com o advogado da Associação sobre este problema. Em vão. Novos problemas e demandas de uma velha instituição que resiste ao tempo.

Além das recentes preocupações com a imagem institucional da ACI, e com o inquilino no quinto andar, havia os cuidados com a estrutura física do prédio. Essa batalha Ivonete ganhou. Climatização do auditório, ampliação do palco, instalação de persianas, polimento do taco, pintura; reforma da biblioteca; restauração da hemeroteca; aquisição de equipamentos para biblioteca, hemeroteca e sala de reuniões, como estantes, projetor, tela, mesa de som, computadores e microfones; recuperação do terraço. Cerca de R\$ 380 mil (aproximadamente 200 mil dólares no câmbio da época) conseguidos junto ao Governo do Estado. A Prefeitura também colaborou com pequena parcela para a finalização das obras.

A ideia de conseguir essa reforma do prédio com o poder público veio de uma conversa com o amigo e então Secretário de Cultura do Estado, Auto Filho, reproduzida por Ivonete em entrevista concedida à *Rádio Universitária FM*.

- Auto, como é que eu faço pra ACI sair desse marasmo, se abrir de novo pra sociedade? – perguntou. Mas tem que haver uma ação cultural forte pra chamar os movimentos sociais. O maior auditório do Centro está aqui e precisa ser usado. Temos um terraço, que precisa ser usado. Temos uma hemeroteca com 10 mil primeiros números de jornais, doados pelo José Osvaldo Araújo, a partir de 1824. Então nós temos que abrir isso para a sociedade, disse Ivonete.

- Por que você não fala com o Cid para o governo investir na ACI? – sugeriu Auto Filho.

“Fiz um documento e fomos ao governador, a professora Adísia Sá e eu”, dizia Ivonete.

“Aquilo foi prestígio pessoal. Ivonete, em nome da categoria, não se acanhava de pedir nada não. Ela conseguiu junto ao próprio governador Cid Gomes, e também junto à própria Prefeita. A Luizianne [*Lins*] foi aluna dela. O sonho de Ivonete era mostrar o prédio novo ao Governador”, lembra Adísia.

Angela Barros Leal explica em seu livro a situação da ACI. “[Ivonete] teria, sim, condições plenas de emitir uma listagem [das contribuições recentes da ACI], porém somente após a concessão do auxílio – caso contrário não abandonaria a ACI o raciocínio circular dos biscoitos Tostines (*‘Vendem mais porque são fresquinhos, ou são fresquinhos porque vendem mais?’*): nada abriga porque não possui condições físicas para tanto, e por não ter condições nada consegue abrigar. Simples assim”.

Enquanto os eventos ou outras atividades que pudessem gerar receita à ACI permaneciam distante do cotidiano, a Presidente buscava soluções temporárias. “Pouca gente sabe, mas é preciso dizer que a Ivonete, seja certo ou errado, entrou com muito de sua poupança para manter em dia os compromissos da ACI, para os quais a contribuição dos sócios não tem sido suficiente, pois a Associação vive uma situação irônica: tem patrimônio, mas não tem caixa para mantê-lo adequadamente”, diz Nilton Almeida.

“A gente não vai passar o pires, não vamos pedir esmola. Se a gente está pedindo ao Governo e à Prefeitura, é porque é dever deles manter a ACI, que é uma instituição útil para a sociedade”, dizia Ivonete. O auditório e as dependências do Edifício Perboyre e Silva recebiam palestras, reuniões, congressos e eventos de diversos movimentos sociais. A Associação também esteve presente na história de Fortaleza, contribuindo com a única estátua que homenageia um dos maiores ícones da literatura brasileira, o cearense José de Alencar, instalada a 1º de maio de 1929 na praça que, a partir de então, passou a ser homônima.



Figura 8 - Auditório recuperado e climatizado

Em entrevista a Angela Barros Leal, para o já citado livro, ela listou as obrigações que a Associação tinha para com a imprensa: “A ACI pode ser uma mediadora [da questão salarial, conduzida pelo Sindicato]. Cuidar pelo cumprimento de uma ética profissional, cuidar para que não haja conflitos entre companheiros de uma mesma empresa, ou de empresas diferentes. Às vezes, eu até digo que é importante a presença afetiva da ACI para que não haja conflito entre os profissionais da área”.

Toda essa argumentação histórica sobre a atuação que a ACI já teve, e não podia mais colaborar com a cultura por conta de diversos problemas na estrutura física, Ivonete deixou transparecer nas conversas mantidas com o governador Cid Gomes e no texto que anexou à inscrição do edital da Secretaria da Cultura do Estado (Secult).

“Ivonete se viu em dificuldades para atender ao item do processo que exigia a listagem dos eventos recentemente acontecidos, ou promovidos pela instituição, comprovando assim a função social da entidade demandante. Não havia o que listar”, escreveu Angela na página 365 de seu livro. No texto, anexado ao projeto, enviado à Comissão de Avaliação e Seleção de Projetos da Secult, Ivonete reforçou o lento processo de degradação do acervo da biblioteca e da hemeroteca e seu potencial cultural sendo desperdiçado.



Figura 9 - Hemeroteca recuperada e reaberta ao público

“Aos poucos, dentre tantas dificuldades, ela ia conseguindo pelo menos recuperar parte do patrimônio da entidade”, diz Nilton. Lembra o amigo Ítalo Gurgel: “Ela era realizadora. Estava sempre fazendo alguma coisa e conseguindo os meios de realizar a próxima tarefa. A imagem que eu tenho dela, o tempo inteiro, desde assessora de imprensa, é de uma pessoa muito ocupada, correndo atrás pra dar conta de uma agenda”.

Uma das primeiras realizações da reforma da estrutura física da ACI conseguida por Ivonete foi a substituição dos antigos elevadores. “Uma grande conquista já foi mudar os elevadores de porta pantográfica”, lembra Angela, que em seu livro comenta “A experiência deu aos ascensoristas o poder quase sobrenatural de saber quando alguém está aguardando – dom indispensável para suprir a mudez da campanha de chamada”. Contra os argumentos de preservação histórica, Ivonete tinha a resposta na ponta da língua:

-“Mas são tão bonitinhos, Ivonete! Por que é que você vai mexer?”

- Pois venha trabalhar aqui todo dia pra você ouvir as pancadas. Não tem mais como recuperar”, dizia.

A argumentação livre de meiguices e sempre direta era marca registrada. “Ela dizia o que pensava, dava a opinião dela e se posicionava. Não emitia opinião para agradar ninguém”, lembra Emília. “Ela queria que prevalecesse a opinião dela, mas não

era de forma nenhuma grosseira. Não humilhava ninguém. E se [a opinião dela] perdesse [em assembleia], perdeu. Assumia o que fosse decidido. Bem democrática”, diz. “Por exemplo: eu defendia vender as casas de praia da ACI. Eu achava aquilo um absurdo, aquelas casas se acabando num terreno que vale tanto. Eu defendo que venda ou que faça outro contrato com hotéis... Hoje todo mundo está vendendo suas casas de praia por conta de assalto... Isso era que eu dizia. Ivonete era contra e dizia: ‘A minha capitalista aqui... (risos)’”, lembra. “Ela tinha uma maneira muito legal de falar. O próprio Nilton [vice-presidente da ACI] discordava dela nas opiniões”, diz Emília. “Lembro-me de que, numa reunião, ela reclamou: - Meu Vice está sempre discordando de mim! Ao que respondi: - Posso até discordar, mas cumpro o que minha Presidente decidir. No final, todos rimos juntos”, diz Nilton.

Seguindo em frente



Figura 10 - Reunião da diretoria (2008)

Chegando logo pela manhã cedo, tomando o elevador e subindo ao quarto andar, adentrando pelo hall, já era possível ouvir a voz da Presidente ecoando da sala Gilberto Câmara. A alta gargalhada também podia tornar o frenético ambiente do Centro de Fortaleza mais amistoso. Por mais descontraída que fosse, os assuntos eram sempre sérios e ela prezava pela seriedade. Ivonete gostava de manter suas reuniões em formatos bem tradicionais.

A sala Gilberto Câmara possui um amplo espaço e está decorada com fotos históricas da ACI nas paredes. A mesa da presidência é posta de frente para as janelas do salão e para as outras mesas, estando acima apenas um pequeno degrau, para permitir melhor visualização das outras mesas dispostas à frente. As atas das reuniões de Diretoria de Ivonete eram feitas à mão. “Eu reclamava como é que eu tinha que fazer ata à mão?! Como é que hoje se faz ata a mão?”, ri Emília. “Mas tinha que fazer e passar a limpo naquele livrão”, lembra. Ivonete não era muito chegada à computadores. Conservava a caligrafia perfeita, respeitando as pautas com disciplina quase militar, destacava-se no meio dos outros documentos. “A letra dela era linda. Quando fui fazer a pesquisa das atas, a letra dela era a mais bonita.”, revela Angela Barros Leal, que pesquisou minuciosamente as atas de 1926 a 2010 para dar suporte à sua obra.

Ata da Assembleia Geral Extraordinária do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado do Ceará, realizada no dia 21 de setembro de 1981 - Aos 21 (vinte e um) dias de setembro do ano de 1981, na sede própria do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado do Ceará, à rua Joaquim Sá, n.º 545, realizou-se a eleição para composição da lista tripartite de representantes desta categoria profissional a ser encaminhada ao Tribunal Regional do Trabalho da 7ª Região, para designação de Vogal e suplente das Juntas de Conciliação e Julgamento de Fortaleza, para o triênio de 1981 a 1984, na conformidade do Edital publicado no jornal "O POVO", edição de 10 de setembro de 1981. Os trabalhos da Mesa Eleitora se iniciaram às 7 (sete) horas, encerrando-se às 13 (treze) horas, sob a presidência de João Celso Cordeiro, auxiliado por José Francisco Vieira Siqueira, Pedro Gomes de Matos Neto e Manoel de Sálamo Ribeiro de Moraes, os dois primeiros mesários e a última suplente, designados pela Portaria n.º 84, de 16 de setembro de 1981, do Diretor da Divisão de Assuntos Sindicais da Delegacia Regional do Trabalho, Sr. Francisco das Chagas Ponte Dias. Estavam aptos a votar 397 (trezentos e noventa e sete) associados, dos quais 202 (duzentos e dois) compareceram ao pleito, verificando-se o quorum legal exigido. Concorreram Rodolfo Espínola Neto, Luis Colares da Penha, José Colombo Bernardo e Sá e Paulo César de Barros Karam, que a tudo estiveram presentes. Não se registraram protestos ou recursos. Nada mais havendo, eu, Maria Fronte Moreira Macia, secretária "ad-hoc", redigi a presente Ata que, lida e achada conforme, vai por mim assinada e pelos demais componentes da mesa.

Maria Fronte Moreira Macia
 João Celso Cordeiro
 José Francisco Vieira Siqueira
 Pedro Gomes de Matos Neto
 Manoel de Sálamo Ribeiro de Moraes

Figura 11 - Ata de reunião do Sindjorce redigida por Ivonete

Na ampla sala da presidência há uma grande mesa que hoje abriga as reuniões de diretoria conduzidas pela Presidente em exercício, Emília Augusta. Para Ivonete, naquela mesa não havia espaço para um computador. "Ivonete era de resolver as coisas

pessoalmente ou por telefone”, lembra Angela, que após concluir o livro imprimiu e encadernou o boneco, e enviou à Presidente para revisão.

A paixão pela ACI, o compromisso com a categoria e a urgência das mudanças na estrutura da Associação eram os principais motivos de Ivonete para permanecer constantemente na luta. Ela não se deixava abater. Em 2010, com parte das conquistas já encaminhadas, Ivonete caiu. O chão da calçada do Edifício Perboyre e Silva a acolheu e provocou lesões nos joelhos, no rosto e nos dois braços. Uma senhora com seus 72 anos precisaria de descanso para recuperação tranquila. Ivonete precisava da ACI. Com os dois braços imobilizados, ela chegava à ACI aproveitando a carona da irmã.

- Ivonete, você é louca? Você precisa descansar! – diziam os colegas.

- Agora a gente precisa continuar trabalhando – desconversava.

“Ela nem queria conversar sobre isso. Pra ela era como se fosse uma coisa normal”, lembra Angela. Ivonete, como boa líder, não demonstrava fragilidade e conduzia a Associação como tinha que ser. As dores existiam, mas o trabalho entorpecia. A sensação de resgatar uma entidade histórica enchia seu peito de motivação. A possibilidade de ofertar para a sociedade um ambiente cultural de peso, no coração do Centro histórico de Fortaleza, quase em frente à Praça do Ferreira, não podia esperar que ela recuperasse sua plena condição física. Ela sabia que tinha papel catalisador fundamental para tocar o projeto. E para tocar este projeto, estava faltando uma peça: o livro que pedira a Angela Barros Leal.

Na primeira reunião, Ivonete falou da importância de registrar historicamente a presença da ACI na comunidade e sua importância social. Ela trouxe a pauta, mas não interferiu na apuração da repórter. “A ideia dela era essa: nós vamos mostrar que a ACI esteve e está presente na história do Ceará”, lembra Angela. O livro foi feito ao longo de um ano. Ivonete abriu o arquivo da ACI e deu total acesso às atas de reunião, de 1926 a 2010. A fundação da entidade data de 1925, porém, à exceção da ata da primeira reunião, emoldurada e afixada na sala Gilberto Câmara, no quarto andar da ACI, não foi localizado o livro de atas daquele período.

“Ela não pediu em nenhum instante para ver o que eu estava escrevendo”, conta Angela. “Depois de pronto ela leu o livro todo, e fez uma única observação”:

- Tire essa parte que diz que tem a carteira de cigarro em cima da minha mesa. Não é censura, mas eu estou querendo parar de fumar - pediu Ivonete, que, como de costume, alcançou seu objetivo. A passagem foi removida da página 63.

“Quando deixou de fumar, foi tão pouco tempo, acho que ela ficou até mais tranquila”, lembra Emília. “Depois já foi que ela parou de fumar. Ela teve ódio quando comemoramos o fato de ela ter parado de fumar”, diz.

- Não quero que ninguém comemore nada não, que eu queria era fumar! – dizia Ivonete.

Pouco depois Ivonete seria diagnosticada com o câncer no esôfago que acabou interrompendo sua luta. As realizações de Ivonete ficaram encarnadas nas paredes do edifício-sede. “Hoje eu vinha pensando nela, vinha no caminho, pensando: ‘Tomara que eu veja a Ivonete lá na ACI. Eu tenho certeza que pelo menos o espírito dela vai estar por lá’, de tanto que ela gostava de estar aqui...”, disse Angela.

“O envolvimento [dela] era total, até mesmo porque a opção por esse tipo de protagonismo exige tempo, dedicação. Nesse aspecto, observo que a Ivonete fez da ACI seu último flanco de participação coletiva, comunitária. Creio até mesmo que ela alimentava a expectativa de fazer a Associação voltar aos seus velhos e bons tempos áureos, à época de Perboyre Silva”, diz Nilton.

Seu grande plano de trabalho pode ser decifrado no posfácio do livro comemorativo dos 85 anos da entidade. “Mais 14 anos e a entidade chegará ao centenário. Desde agora, bemvindo centenário”.

6. Anexos

6.1 O velho problema do Ensino Médio

Ninguém se iluda: o grande problema do ensino médio é o professor. Estudante não causa transtorno, desde que a seu serviço estejam professores eficientes, cumpridores da sua obrigação, consciente da sua responsabilidade.

E específico o ensino médio justamente por ser um ciclo intermediário, decisivo para o estudante, seja o ensino de cunho profissionalizante ou não. Ninguém de bom senso pode minimizar a importância desta etapa para o aluno, mesmo porque é a fase apropriada para opções as mais sérias, para escolha desta ou daquela profissão, enfim, para a busca de caminhos que lhe pareçam os mais certos.

Bastariam estas considerações para forçar o magistério a encarar de outra maneira a sua tarefa, tudo fazendo para transformar as suas horas de contatos com os alunos em horas de trabalho construtivo, onde o exemplo do dever cumprido se tornasse no mais forte testemunho de entrega total ao mister de educar. O professor relapso interfere desastrosamente na formação do aluno e converte-se na mais bem acabada forma de desvalorização da escola.

Os professores, como as pessoas adultas e amadurecidas, deviam saber que a capacidade de observação do aluno é exercida permanentemente. Parece que, além de desconhecerem isto, ignoram que o menor ato de displicência é percebido e apreendido.

Conversei ontem com um grupo de estudantes de determinado colégio de Fortaleza. Não houve sequer um momento de elogio à atuação de seus professores. Apenas lamentações. A tônica era o não cumprimento às obrigações – falta de notas, falta de testes, falta de matéria, aulas sem motivação etc. – tudo repercutindo desfavoravelmente na atividade escolar. Era um grupo de estudantes do segundo ciclo, gente responsável, gente séria.

O que existe mesmo é o descontentamento por parte dos que estudam. E desinteresse, cada vez mais fortalecido pela falta de incentivos, por parte dos que deviam se compenetrar do seu papel de colaboradores na obra educativa.

Tudo vem em prejuízo de gerações que mais do que nunca deveriam ter na escola a compensação que muitas vezes a família, por circunstâncias diversas, não tem capacidade de oferecer. Por isto não me admiram as contestações, a descrença e a insatisfação que surgem em todos os lugares.

Digo tudo isso não para forjar posições, o que seria superficial. Para mim é suficiente que a abordagem suscite pelo menos uma reflexão. Dela resultando, quem sabe, uma auto-crítica mais do que indispensável.

6.2 A reflexão solicitada

Em artigo aqui publicado no dia 1.o deste mês, intitulado “O velho problema do ensino médio”, assinalei no final: ... Digo tudo isso não para forjar posições, o que seria superficial. Para mim é suficiente que a abordagem suscite pelo menos uma reflexão. Dela resultando, quem sabe, uma auto-crítica mais do que indispensável.

Pois a reflexão concretizou-se. Reuniu o Sindicato dos Professores a sua diretoria, o artigo foi apreciado, originando-se uma longa resposta que o jornal publicou na última sexta-feira. A resposta em questão veio para “rebater cáusticas injustiças”. Apesar de não ter nenhuma obrigação o jornal publicou. Uma atitude de pura coerência, sem dúvida.

Em primeiro lugar, fique bem claro o seguinte: se o Sindicato viesse acompanhando a série de artigos aqui publicados (há quase dois anos), exclusivamente sobre educação, reconheceria que o artigo do dia 1.o faz parte da temática desenvolvida por mim durante todos esses meses.

Sem querer entrar em polêmicas com o Sindicato, lamento que no seu arrazoado tenha, a guisa de interpretação do meu artigo, dito coisas que eu absolutamente não escrevi, nem deixei transparecer no corpo do trabalho.

A tese do meu artigo é a de que o professor ainda é o centro da escola. Evidentemente que escola como parte do organismo social, neste inserida, por êle pressionada. Não devidamente encarado o papel do professor, as falhas do meio nêle tomam vulto e a visão negativa que se tem dêle sobressai sobre as demais falhas, sendo o professor alvo de críticas.

O que pedi foi uma visão objetiva do problema, ou seja do papel do professor. E isto o Sindicato fêz, quando diz em sua nota que o magistério é uma classe “praticamente desamparada, vivendo de um salário de fome, via de regra sem condições materiais mínimas, lidando quase sempre com turmas heterogêneas e numerosas, sem hábito de estudo e aplicação aos deveres, isto notadamente em vista da popularização e mesmo proletarização do curso médio, enfrentando alunos para os quais as motivações de rotina e curriculum são fardos pesadíssimos, alunos que na maioria dos casos, são

mandados à escola para desafogo dos pais, durante o período das aulas, pais aliás, sem a menor tradição cultural e sem qualquer bagagem de conhecimentos. O exemplo, afinal, deve vir primeiramente dos pais”.

O Sindicato, levado pelo meu trabalho, fêz uma análise até então não trazida por êle ao grande público, conseqüentemente às autoridades educacionais. Êste pormenor já justificou, em parte, o meu esforço e atendeu ao apêlo que fôra feito no final do meu artigo. Como entidade de classe, cabia ao Sindicato evidentemente êsse pronunciamento. Fruto dêle mesmo e não conseqüência como está provado, do apêlo desta jornalista.

Mas prossigamos.

O Sindicato afirma na sua nota: “Além do mais é preciso esclarecer que o professor do ensino médio, para viver modestamente, é obrigado a horários imensos, o que lhe dá a condição de um eterno estafado, sem vida social, assoberbado de tarefas e obrigações, e, o que é uma realidade, quase sem nenhum estímulo e reconhecimento”.

É êsse professor “assoberbado de tarefas e obrigações”, “sem vida social”, “quase nenhum estímulo e reconhecimento”, “obrigado a horários imensos”, é esse professor que vai para sala de aula e é alvo das críticas de seus alunos.

E mais: o jornalista nem sempre pode usar figuras suaves para a apresentação dos problemas. Precisa ser incisivo para acordar muitas vezes entidades e pessoas, que, por motivos os mais diversos, permanecem numa rotina facilmente entendida como omissão.

Mas, a reposta do Sindicato me satisfez. O grande público tomou conhecimento de um documento analítico sôbre uma situação até então não trazida a lume sob o sine do Sindicato, através dêste jornal.

Deixo outra sugestão para a diretoria da entidade: burile o documento e o apresente ao ministro Jarbas Passarinho. E fico certa de que prestei mais um serviço à classe.

7. Entrevistados

Adísia Sá

Agostinho Gósson

Ana Maria Maia

Angela Barros Leal

Emília Augusta

Fátima Leite

Francisco Assis Lima

Inês Aparecida

Ítalo Gurgel

Izabel Pinheiro

Narcélio Limaverde

Nilton Almeida

Nonato Lima

Socorro Maia

Willame Moura

8. Cronologia de acontecimentos

- 1938 – Nascimento – Jaguaruana - (Outubro) – primogênita de 15 irmãos
- 1940- Mudança para a Volta;
- 1948 – Conclui estudos na escola rural;
- 1948-1950 – período em que estuda em Jaguaruana
- 1950 – Inicia-se a revolução nas redações, com a chegada da máquina de escrever. Inicia-se a profissionalização do jornalismo (Iniciou-se a necessidade de lutar pela regulamentação da profissão?).
- 1950-1954 – Aos 12 anos sai da casa dos pais, em Jaguaruana, para estudar em Aracati. Só retornaria ao sítio onde nasceu depois de aposentada, em 1990, para cuidar da mãe, que sofrera um AVC e necessitava de cuidados especiais. Trouxe todas as 7 irmãs para Fortaleza, para estudar e trabalhar. Todas tiveram a chance de conviver com ela.
- 1954 – namorado propõe casamento e pede para ela escolher entre o matrimônio e os estudos.
- 1954-1958 – Inicia/conclui os estudos em Fortaleza (Curso Normal), no colégio Santa Maria e Nossa Senhora das Graças.
- 1958 – tenta vaga de professora no colégio da paróquia de Jaguaruana.
- 1961 – Começa carreira jornalística no jornal “O Nordeste”. Trabalhava também na Rádio Assunção e no Banco de Crédito Comercial (do sr. Júlio Rodrigues, irmão do Martins Rodrigues).
- 1965 – Bacharela em Letras Neolatinas pela Faculdade Católica de Filosofia do Ceará
- 1966 - Licenciada em Letras. Inicia a faculdade de jornalismo na UFC.
- 1969 – Conclui o curso de Comunicação Social da UFC.
- 1971-1975 – Walter Cantídio convida para assessoria de imprensa da Reitoria da UFC.
- 1975 – Foi fazer mestrado no Rio de Janeiro sobre os editoriais do jornal *O Povo*. Não concluiu. Ingressou no magistério, ao ser aprovada em concurso da UFC.
- 1975 – já estava na ACI como suplente de diretora. Chegou lá a convite da Adísia Sá.
- 1980-1983 – Primeiro mandato como Presidente do Sindjorce
- 1980 – 18 de abril de 1980 – Ivonete é eleita Presidente do Sindjorce
- 1980 – 4 de junho de 1980 - Virgílio Távora comparece à posse de Ivonete e começam pedidos/pressão para Governo do Estado doar uma sede para o Sindicato.
- 1981 – 10 de setembro é inaugurada a sede com um Congresso Nacional de Jornalismo
- 1985 – Greve de jornalistas – Duração de três dias.
- 1983-1986 – segundo mandato como Presidente do Sindjorce.
- 1984 – Morre o pai de Ivonete Maia, Francisco Carlos Maia. Teve um infarto tirando leite da vaca.
- 1987-1991 – Professora e coordenadora do curso de Comunicação Social da UFC
- 1989-1992 – Eleita primeira mulher Presidente da ACI.
- 1987-1991 – Diretora da *Rádio Universitária*
- 1997-1998 – Secretária de Educação de Jaguaruana
- 2004 – Candidata-se a vereadora em Jaguaruana
- 2007 – Morre a mãe de Ivonete Maia, Maria Estelita Moreira Maia. Ivonete convidada a assumir a Ouvidoria da UFC.
- 2008 – Candidata-se a vereadora em Jaguaruana
- 2008-2012 – assume de novo a presidência da ACI, para contornar uma grave crise.
- 2011 – Agosto - diagnosticado câncer.
- 2012 – 14 de fevereiro - Falecimento.

9. Bibliografia

História e Memória do jornalismo cearense - Sebastião Rogério Ponte

ACI 82 anos de lutas e glórias – Zelito Magalhães

Associação Cearense de Imprensa, 85 anos na pauta do Ceará – Angela Barros Leal

Entrevista para Rádio Universitária

Entrevista para jornal O Povo publicada no dia 13 de Fevereiro de 2012.

Biografia de um Sindicato – Adísia Sá

Entrevista para a Rádio Universitária

Biografia de Eduardo Campos - <http://www.eduardocampos.jor.br>

Historias – Libro I - Heródoto

O Jornalista Brasileiro (Federação Nacional dos Jornalistas Profissionais, de 1946 a 1985) – Adísia Sá

Ensino de Jornalismo no Ceará – Adísia Sá

<http://www.senado.gov.br/senado/grandesMomentos/pron2.shtm> - Pronunciamento do Presidente do Senado, Auro de Moura Andrade, e leitura da carta renúncia de Jânio Quadros.

Mazelas da Casa de Detenção – Auri Moura Costa, 1968.